

# **RIO GRANDE: TERRA, POVO HISTÓRIA**

**Coletânea – Paulo Timm Org. (uso sala de aula)**

## **INDICE**

**1. Um romancista apresenta sua terra – Erico Veríssimo in RIO GRANDE DO SUL – TERRA E POVO.**

**2.A origem da palavra "Gaúcho" - Barbosa Lessa**

**3.Os gaúchos segundo a Oi**

**4.Cinco representações do gaúcho na literatura - Carlos Garcia**

**5.Pampa Mio - Augusto Méier**

**6. Antonio Chimango (fragmento) – Ramiro Barcelos**

**7. 50 anos do “Rio Grande do Sul, um novo Nordeste Paulo Timm**

**8.O gaúcho e a fronteira do mundo real - Marcelo CaCARMELLO, Érika Fernanda**

**9. Farroupilhas, mitos e inventadas tradições – Juremir M. Silva**

**10. Doze coisas que só quem é gaúcho vai entender**

\*

### **1. UM ROMANCISTA APRESENTA SUA TERRA**

**Erico Veríssimo. in RIO GRANDE DO SUL – TERRA E POVO.**

Tenho correspondência com uma jovem escritora nordestina que vive no Rio e jamais pisou em terras do Rio Grande, Recusa visitar-nos porque – escreve

ela – “você os gaúchos são acastelhanados, parecem pertencer mais à órbita platina do que à brasileira: fanfarrões, autoritários, teatrais, portam-se como se possuísem o monopólio da coragem”.

Senhorita, agora escute. O comportamento humano é simbólico. Vivemos num universo de palavras. De palavras são feitos os mitos e preconceitos de acordo com os quais pautamos nossas ações, atitudes e até o nosso gosto. Mas veja bem: a palavra *não* é a coisa ou a pessoa que ela designa, assim como o mapa *não* é o território que representa. Se você queimar um mapa do Rio Grande, este pedaço do Brasil seguirá existindo, pois não é obra dum cartógrafo mancomunado com uma casa impressora, mas parte do cosmo, criação, digamos, de Deus (por favor, não entremos em discussões teológicas) e nesta altura dos acontecimentos já um produto ou, melhor, um adiantado processo histórico. Resigne-se, portanto, à ideia irremediável de nossa existência e tente compreender-nos, se não puder querer-nos bem.

Somos uma fronteira. No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputavam a posse definitiva deste então “imenso deserto”, tivemos de fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pagamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar deste lado da fronteira meridional do Brasil. Como pode você acusar-nos de espanholito? Fomos desde os tempos coloniais até ao fim do século um território cronicamente conflagrado. Em setenta e sete anos tivemos doze conflitos armados, contadas as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres raramente despiam o luto. Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair para a faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tendências impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante fraqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos numa permanente carga de cavalaria. A verdade, porém, é que nenhum dos heróis autênticos do Rio Grande que conheci, jamais “proseou”, jamais se gabou de qualquer ato de bravura seu. Os meus coestaduanos que, depois da vitória da Revolução de 1930, se tocaram

para o Rio, fantasiados, e amarraram seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco – esses não eram gaúchos legítimos, mas paródias de opereta.

Os castelhanismos que por ventura existam no nosso linguajar, justificam-se pela proximidade da Argentina e do Uruguai. Não há no mundo, que eu saiba, fronteira estanque. E se vamos continuar o capítulo dos estrangeirismos, chamei a sua atenção para o uso de termos como *hey*, *hi*, *ciao*, *bye-bye* e outros que se insinuaram na língua corrente brasileira nestes últimos vinte anos, e que na minha opinião tem muito menos “legitimidade” que os nossos castelhanismos. Quando a estes, posso informar-lhe que os *buenas*, os *chê*, os *a la fresca* e quejandos já desapareceram praticamente do português do Rio Grande do Sul, sendo hoje usados apenas por aqueles que, bovaristicamente, querem afirmar o seu “gauchismo festivo”.

Afinal de contas, que é um gaúcho? Um sujeito branquíssimo e louro chamado Schultz? Aquele senhor corpulento e corado, que atende o nome de Carotenuto? Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática como o autor deste artigo? Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil. Neste verde “caldeirão” onde em remotas eras vagueavam várias tribos de índios, os primeiros povoadores puseram a ferver a rústica e honrada acorda açoriana, à qual se acrescentaram elementos vindos de outros pontos do Brasil. A sopa foi temperada com ervas indígenas e africanas; mais tarde lançaram-se nela um pouco de repolho germânico e condimentos como a manjerona italiana e outras especiarias vindas não só da Europa como até mesmo do oriente próximo e remoto. Qual vai ser o aspecto e o “gosto” dessa mirabolante mistura? Isso será coisa apenas para os olhos e o paladar do futuro.

Existe uma expressão gaúcha – “dar nome aos bois” – que espreme nosso desejo de sinceridade e clareza. Eu não lhe peço, minha amiga, que dê nome aos “bois”, mas que venha vê-los no seu campo. Considere-se, pois, convidada a visitar o Rio Grande do Sul, onde serei o seu anfitrião e o seu guia.

Suponhamos que você escolheu abril para a sua viagem, e vem de ônibus, a fim de melhor apreciar a geografia física e humana dos Estados que vai percorrer... Antes de entrar no território do Rio Grande a sua viatura atravessará uma ponte sobre o Rio Pelotas, passando a rodar através duma região montanhosa de belos e graves verdes, de cerrados pinheiros entremeados de outras árvores que minha ignorância de botânica me impede de

nomear. E, cingindo morros e montes, a estrada no seu desce-sob-coleia lhe parecerá um tobogã. Você dirá que tem a impressão de estar dentro duma estampa européia. Eu lhe replicarei que não temos culpa disso, pois compramos a nossa paisagem já pronta, sem discutir pormenores. O ônibus chega a uma culminância, você avista da janela do carro um rio a correr manso lá em baixo, no fundo duma garganta, cortando um vale de verde e macia relva, onde aqui e ali aponta uma casinhola de colono. O quadro lhe dá uma grande sensação de silêncio e paz, e se a minha amiga não confessa que este é um dos mais belos cenários naturais que viu em toda a sua vida, é porque seu antigauchismo inclui também nossa geografia física.

Deixamos para trás o vale do Rio das Antas, uma de nossas mais valiosas “reservas turísticas”. Estonteada de tantas voltas, já meio intoxicada de clorofila, você deixa pender a cabeça e cochila... Quando torna a abrir os olhos, a paisagem mudou... Para trás ficaram cerros, montes e vales. Estamos nas planuras de Cima da Serra. A vegetação agora é mais clara, com um leve toque de pardo. Pinheiros altos na forma de taças, como os do Paraná e Santa Catarina, surgem a espaços, isolados ou formando bosquetes. Cerca baixas de pedra perlogam largos trechos da estrada. Aparecem as primeiras casas de franjas e estâncias, e o primeiro gado. Você nota algo de “diferente” nestas paragens. Explico. Primeiro é a doce limpidez do ar. Encontramo-nos a uns mil metros acima do nível do Atlântico. Depois, a luz. Estamos no outono, pois o Rio Grande se dá ao luxo de ter quatro estações distintas. A luz nesta época é um mel, e adivinham-se na paisagem vagos tons violáceos que se acentuam nas sombras e nas distâncias. Outra coisa excepcional aqui é o céu, dum azul puro e profundo, muito parecido com o da Europa meridional.

La vem um gaúcho montado no seu cavalo. Prepare-se para uma decepção. A montaria é pequena, os arreios modestos, e o cavaleiro um homem de aspecto prosaico. Sua indumentária lhe parecerá triste em seus tons de cinza e pardo. Nada de esporas de prata, botas luzidias, bombachas largas e flamantes. Mas eu lhe garanto que esse gaúcho pobre é autêntico. Enxuto de carnes e de fala, reservado, avesso ao teatralismo, lá se vai ele ao trote do “Ca’alo”, pitando seu grosso cigarro de palha. Não gosta de brigar mas “peleia” bem, quando provocado. Seu humor é escasso e seco. Bom sujeito, fique certa disso.

Como esta é uma virgem imaginária, mando parar o ônibus e, num passe de magia, conjuro um automóvel. (Escolha a marca!) “Quebrando o braço esquerdo” – como se diz por aqui – o carro nos levará até a mais dramática paisagem deste extremo sul do Brasil. Estamos agora no alto dos “aparados”, o ponto em que o planalto termina abruptamente num precipício vertical, cuja altitude em certos pontos vai além de um quilômetro. (Para que cósmico banquete terão cortado tão grossa fatia desse rijo bolo basáltico?) Vejo que você está meio estonteada... Olhe para o lado do nascente e poderá avistar a linha clara das praias do Atlântico. Está vendo aqueles três penhascos escuros coroados de verde que avançam para o mar e que lembram torres? Ele dão nome a uma das mais belas praias do Brasil, onde espécimes da elegante fauna do *café society* de porto Alegre – a que um cronista malicioso chamou *nescafé society* – costumam passar os verões... Ao sul de Torres, a espaços, encontraremos balneários como Atlântida, Xangrilá e Cidreira, ou como Capão da Canoa e Tramandaí, que são já verdadeiras cidades. Quero mostrar-lhe agora o Taimbezinho. O diminutivo diz pouco ou nada desta impressionante fantasia da natureza: um corte largo e profundo na rocha do planalto pôs duas escarpas a se defrontarem empinadas, formando um *canhadão* abismal, em parte nu e em parte forrado de vegetação, a pedra a mudar de cor – aço, azul, violeta, laranja, rosa – de acordo com o movimento do sol e a qualidade de sua luz. Não me diga que a Cachoeira de Paulo Afonso é mais grandiosa ou o fenômeno das pororocas mais impressionante, porque replicarei que o Taimbezinho é *diferente*. Dia virá em que há de formar, perfilado como está, entre as maiores atrações turísticas do Brasil.

Voltemos à BR-116 e ao nosso automóvel providencial, e tomemos o rumo do sul. As faces das pessoas e das casas que agora encontramos pelo caminho, gritam-nos alegremente: Itália! Estamos na chamada Zona Colonial. Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande em 1874 e, como os colonos alemães já se tivessem estabelecido, havia cinquenta anos, nos vales dos rios, decidiram subir a serra, povoando sua encosta e o próprio altiplano. Não será exagero afirmar que esses representantes duma raça de artistas plásticos “pintaram” ou, melhor, retocaram a nossa paisagem, dando-lhe novas cores. Suas vinhas, suas hortas, lavouras e jardins são manchas nos mais variados matizes de verde sobre o tom escuro da vegetação primitiva. Caxias, a

mais importante cidade desta região, recebe-nos com sua alegria habitual. Nem só do vinho vive esta vigorosa comunidade montanhesa. Tem já a indústria, orgulha-se – entre outras coisas – de seus produtos de cutelaria. Aqui se trabalha em ritmo paulista, mas com uma alegria mediterrânea.

Está com fome? Entremos neste restaurante. O garçom oferece-nos diversas qualidades de massa. Um churrasco... quem sabe? Ou um galetto? (Devo explicar que se trata do famoso *galetto ao primo canto*, isto é, um inditoso frango que, mal termina de cantar a sua primeira ária de ópera, é condenado à morte.) O garçom sugere uma passarinhada, especialidade da região, e eu, quase indignado, replico que passarinho, como gente, prefiro vivo e em liberdade. Seja como for, comemos bem, à italiana, e bebemos o já muito bom vinho que aqui se produz.

Se você quiser, podemos visitar o resto da região – localidades como Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis, Guaporé, Nova Prata – para ver como estes descendentes de italianos se adaptaram à vida brasileira e observar as contribuições que nos trouxeram em matéria de costumes, comidas, festas, canções... Também vale a pena ver a paisagem montanhesa, com seus vinhedos a subirem as encostas, os seus vales, os seus montes que se arredondam na forma de seios, se você me perdoa o símile anatômico. E se por um outro passe de magia eu conjurasse o verão, poderíamos assistir a uma Festa da Uva, celebração dionisíaca em que o vinho jorra abundantemente e grátis, e belas raparigas com trajos de camponesas do norte da Itália, desfilam pelas ruas em carros alegóricos – e toda a vitalidade e a alegria de viver desta gente se exprime em arranjos florais, canções, danças e festivais gastronômicos...

É tempo de prosseguir a jornada. A estrada serpenteia abraçando as montanhas. Passamos por casas de colonos e por vilas em meio de pinheiros e ciprestes. De vez em quando vemos avançar na direção de nosso carro meninos ou meninas – caras coradas como maçãs maduras – a nos oferecerem suas mercancias: ovos, rapaduras, abóboras, favos de mel, frutos da terra. E você reparou na cor das folhas de certas árvores? A dos cinamomos são dum amarelo de ouro novo. A dos plátanos, dum pardo seco e fosco. Mas quem brilha mesmo nessa exibição de roupagens de outono é o caquizeiro, com suas folhas alaranjadas, com manchas dum vermelho de ferrugem. E você por certo já notou

que o estilo das casas cai assumindo outra fisionomia. E a incidência de cabelos louros e olhos azuis aumenta de quilômetro em quilômetro... É que estamos já entrando na zona de colonização teutônica. Em breve avistamos uma cidade que você jurará ter saído dum croqui da Baviera. É Novo Hamburgo, a contrapartida germânica de Caxias, capital da indústria de calçados e, em termos relativos, talvez o município mais fortemente industrializado do Brasil.

Pouco adiante de Novo Hamburgo encontramos São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos – “o rio que imita o Reno”, inspirador do conhecido romance do nosso Vianna Moog. E, poucos quilômetros além de São Leopoldo, se você quiser, tomaremos a estrada que nos levará na direção do norte e, mais adiante, do nordeste, através do rico vale do Rio Taquari, zona de produção principalmente agrícola. Se lá em cima da serra estávamos na faixa do vinho, aqui em baixo rodamos na da cerveja. Você notará que a música do falar do povo já é outra, e que outras também são as comidas. A minha amiga vai regalar-se com os produtos da arte da confeitaria tal como é praticada por estas plácidas *Frauen* que têm alma de cuca e café com leite. E com suas compotas, geléias, bolos, *Kuchen*... Se os primeiros colonos alemães abriram picadas no mato bravo, estabeleceram suas granjas e plantaram hortaliças e cereais – seus descendentes criaram pequenas indústrias nos centros urbanos. Pode-se dizer que a hoje considerável indústria gaúcha tem bases alemãs.

E se você me perguntar o que foi que a imigração germânica produziu no Rio Grande em termos culturais, eu lhe citarei como amostra um nome, Augusto Meyer, um dos maiores prosadores da língua portuguesa. Devemos também à colonização alemã essa figura extraordinária de pioneiro moderno que foi Rubem Berta.

Vejo na expressão de seu rosto que, saturada de “estrangeirismo”, você está a pique de perguntar se meu Estado não possui nenhuma expressão luso-brasileira.

Espere. Suponhamos que agora é novembro. Estamos no coração do Planalto Médio. Para meu gosto estes são os mais belos campos do Rio Grande. Estendem-se a perder de vista, ondulando em suaves elevações – as coxilhas – que, nas suas linhas e cores, sugerem um andantino de Mozart, pois aqui o efeito de beleza é conseguido com os elementos mais singelos. Ofereço-lhe agora um

quadro eu você jamais esquecerá: um trival maduro, pesado de espigas duma cor de palha dourada, sacudidas pelo fresco vento da primavera.

Está vendo aquela cidade plantada no alto dum coxilhão? É Cruz Alta, sede dum município que no passado era principalmente pastoril e relativamente pobre, mas que hoje é dos cinco maiores produtores de trigo e soja em todo o País. Temos em Passo Fundo outra cidade importante desta região, ainda mais rica e populosa que Cruz Alta. Você notará que o povo deste planalto é hospitaleiro, tranqüilo, sólido e sob muitos aspectos muito parecido com o paulista de origem lusa.

Podemos, passando pela próspera Santo Ângelo, visitar rapidamente as ruínas das missões jesuíticas de São Miguel, a jóia dos Sete Povos. Mesmo derrocado como está, o templo dá uma idéia de sua antiga imponência. Construído com arenito avermelhado, foi o centro duma florescente civilização, espécie de teocracia que até hoje interessa os historiadores, levando-os a controvérsias apaixonadas.

Devo dizer-lhe que estamos agora em plena Região Missioneira, cujos habitantes têm a reputação, não sei se merecida, a serem políticos astutos que sabem desconfiar, calar e esperar, gente matreira que – segundo uma explicação folclórica – herdou essas qualidades dos índios desta região e dos jesuítas, seus mestres e senhores. Ah! Se você é getulista podemos dar um pulo à pacata São Borja para ver a sepultura do Velho... Não é? Desculpe, não se fala mais nisso. O melhor então é seguirmos para o norte, para a região do Alto Uruguai, onde estão as nossas maiores reservas florestais. Podemos passar um dia em Iraí, excelente estação termal. Ali você poderá repousar, gozar do balneário, olhar os tucanos, os piriqitos e outros pássaros coloridos dessas matas, ou então pescar no Uruguai ou ainda com água pelo joelho, buscar ágatas e outras pedras semipreciosas no leito do grande rio.

E de repente é verão! Janeiro nos trará não apenas o calor, mas também as nossas melhores frutas. Você se deliciará comendo uvas claras, roxas e rosadas... Chamo sua atenção para estes pêssegos pequenos, brancos e corados, de caroço solto, que se derretem na nossa boca, doces a ponto de justificarem o nome que o povo lhes dá: pingo de mel. E, se quiser, terá também ameixas, melancias, melões, figos e peras...



Desçamos à Depressão Central. O verde continua, variado e intenso. O Rio Grande não tem áreas áridas a não ser a estreita faixa do litoral. Nossa temperatura média anual é de 18°C.

Estamos agora no coração geográfico do Estado. Esta cidade de aspecto claro e festivo, em meio de cerros, é Santa Maria, encruzilhada ferroviária e cultural. Seu progresso nestes últimos anos tem sido extraordinário. Rejuvenesceu com o sangue novo que lhe injetaram, representado pelos milhares de estudantes de suas muitas escolas e colégios, bem como de sua florescente universidade, que no futuro há de rivalizar com as mais importantes do País.

Prepare-se agora para entrar na região que muitos consideram a mais representativa do Rio Grande do Sul, não só pelo cenário como também pelo caráter e seus habitantes. É a Campanha, nome que se dá, sem grande rigor fisiográfico, às vastas planícies alternadas com coxilhas baixas que ocupam a metade meridional do Estado, e que se estendem da borda inferior da Lagoa dos Patos até às fronteiras do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Encontraram-se aqui as nossas mais importantes estâncias de gado bovino, ovino e eqüino, bem como consideráveis plantações de trigo e outros cereais. Como você diz que não dispõe de tempo para percorrer toda esta ampla região, escolho Bagé para a nossa próxima parada. E quando a minha amiga manifesta o desejo de conhecer de perto a lida e a vida de campo, um dos mais prósperos criadores deste município convida-a a visitar sua estância. E aqui estamos na sua confortável casa campestre, que possui luz elétrica, água corrente, aparelhos de rádio e televisão. Nesta espaçosa mansão, conforto e bom-gosto se casam. E você verá que seu anfitrião corresponde à maravilha à imagem do gaúcho consagrada pela literatura e pela iconografia: um senhor alto e robusto, de largas bombachas e de bom pano, botas finas, esporas de prata, lenço vermelho ao pescoço. (Ele lhe dirá que *ainda* é libertador e que seu avô foi federalista.) Você verá que ele fala claro e quadrado, sem omitir letras, mordendo as palavras com um deleite de bom carnívoro. Se você observar que sua maneira de pronunciar as frases lhe sugere um pontão de lança, seu anfitrião lhe contará proezas de antepassados seus em cargas de cavalarias de idas revoluções ou remotas guerras. E não perderá nenhuma oportunidade de elogiar, minha amiga seus encantos femininos. Com seu jeitão autoritário obrigará você a vestir bombachas, calçar

botas, enfiar na cabeça um chapéu de abas largas, e sair com ele a trotar pelas invernadas. E você terá um dia inesquecível, observando de perto como se laçam e domam potros, como se “pára” um rodeio, como se marca um cavalo ou um boi... E quando, no fim da jornada, o corpo dolorido, estonteada de verdes lonjuras, você voltar para casa, há de encontrar a sua espera um jantar que lhe parecerá um banquete.

Sobre a mesa – ao redor da qual estará sentados os membros da vasta família do patriarca – você verá no mínimo uma dezena de pratos: um delicioso arroz-de-carreteiro, vários tipos de carne (churrasco, matambre, ensopado de ovelha, galinha ao molho pardo) batatas de forno, picadinho de abóbora, feijão preto... (Está bem, não resmungue, um dia você e eu havemos de escrever a quatro mãos o romance do gaúcho pobre que não come carne, não tem cavalo e mora numa choupana de barro e palha. Mas agora alimente-se, que temos de continuar a viagem.) Depois do jantar você se surpreenderá ao ouvir o estancieiro discutir literatura e citar em francês Anatole France e André Mourois. (Ou será Sartre e Camus?)

Avante! Estamos agora em Uruguiana, às margens do Uruguai. Aquela outra cidade, no lado de lá do rio, é Paso de los Libres, já em território argentino. Peça-lhes que atente na diferença entre esta gente e os serranos e missioneiros, no que diz respeito a comportamento, indumentária e maneira de falar. O uruguianense de bom nível econômico traja com uma elegância portenha. É extrovertido, gesticulador e inimigo da surdina. Cumulará você de gentilezas que se expressarão não só em palavras como também em presentes. Proclamará que, comparado com o melhor hotel de Uruguiana, o Walford Astoria de nova lorque é “café pequeno”. E o homem é tão pitoresco e simpático, que você estará disposta a acreditar em tudo quanto ele disse em suas exaltações bairristas.

Apresento-lhe agora as célebres irmãs-siamesas: Santana do Livramento, a brasileira, e Rivera, a uruguia. A fronteira internacional não passa dum linha imaginária que corta pelo meio uma das ruas. O trânsito dum lado para outro – tanto o de pessoas como o de mercadorias – é livre. Erra xifopagia urbana confere um caráter especial à civilizada Santana do Livramento.

Como as distâncias são largas e curto o seu tempo, tenho de correr ao tapete mágico para levá-la a duas importantes cidade de nosso litoral. Pelotas, aristocrática e tradicionalista, está para o resto do Estado assim como Boston

está para os Estados Unidos. A cidade tem uma graça gentil, um certo recato feminino e uma tradição de cultura. E se você gosta de doces, este é o paraíso. Os desta terra são famosos. Entre, pois numa dessas confeitarias ou casas-de-chá e regale-se com rebuçados, bolos, tortas, pudins, quindins. Mas seria um pecado se fosse embora sem provar as famosas passas de pêssego. E será outro pecado irremissível se deixarmos a terra gaúcha sem visitar a cidade de Rio Grande, que fica aqui pertinho. Estes dois centros urbanos do litoral alimentam uma velha rivalidade, como duas vizinhas antigas que se cumprimentam, educadas, se sorriem, mas no fundo não se amam.

Rio Grande é um velho burgo marítimo, fundado em 1737, e tem esse misterioso encanto dos portos de mar. O riograndino nos falará com orgulho da sua praia, o Cassino, nas suas refinarias de petróleo, nos seus frigoríficos e também na sua biblioteca pública, a mais antiga e rica do Estado. Poderemos, se você concordar, ir ao cais olhar os navios e sonhar com outras viagens, mas, se está com fome, saiba que nesta cidade se come muito bem, principalmente peixes e mariscos.

Por fim, tenho a honra de apresentar-lhe Porto Alegre. Plantada sobre uma série de colinas e vales, às margens do Rio Guaíba, a Capital do Rio Grande do Sul pode ser comparada às mais diferentes cidades do mundo: Istambul (sem as cúpulas e os minaretes), Seattle, San Francisco da Califórnia... Se você quiser saber das duas mais importantes especialidades da capital gaúcha, eu lhe direi sem hesitar: poentes fantásticos e mulheres bonitas. Esperemos, aqui mesmo no alto deste cerro, que o sol desça, e assim poderemos ver um crepúsculo que durará mais de uma hora, em mutações cromáticas que serão tanto mais esquisitamente belas quanto mais nuvens houver no horizonte.

Quanto às mulheres, desçamos às ruas do distrito comercial, situadas numa espécie de promontório que avança sobre as águas à feição de proa. Estreita, atonetada de gente, com homens de ar ocioso parados às esquinas e na beira das calçadas ou a flanarem dum lado para outro, a Rua dos Andradas, mais conhecida como Rua da Praia, lembra a famosa Calle Serpes, de Sevilla. Você notará que os habitantes desta metrópole guasca se movem numa cadência que é um termo médio entre a lentidão típica da gente latina e a pressa ianque do paulistano. Poderemos também dizer que Porto Alegre é “a capital mais classe média” do Brasil, apesar de sua população já se estar aproximando

alarmantemente da casa do milhão, de seu *sky-line* crescer para o alto e para os lados e de suas noites estarem povoadas de muitas dezenas de boates, bares boêmios e inferninhos, como a sua natural fauna de melenudos.

No verão o porto-alegrense pode fugir ao calor refugiando-se nas praias do Atlântico ou nas do Guaíba, pois quem não tem mar caça com rio. Se preferir a serra, um ônibus o poderá levar em pouco mais de duas horas, através duma região que mais parece um parque bem cuidado, a Canela ou Gramado, duas estações de veraneio de graça alpina.

Na minha opinião o maior encanto de Porto Alegre vem se sua topografia privilegiada, de seu cenário – dos verdes cerros que a cercam, deste céu lírico, de suas paineiras que rebentam em flores rosadas no outono, e do seu plácido estuário, que recebe as águas de cinco rios.

Suponhamos que você se arma de coragem e dum grosso casarão, e decide enfrentar o nosso inverno... Estamos (fantasiemos) em meados de julho e minha colega é solenemente apresentada ao minuano, o vento que vem do sudoeste, da região andina, e sopra gelado durante três dias, cortante como uma navalha, sob um céu limpo e rútilo... se tivermos sorte, poderei levá-la à serra, para ver a neve e as estranhas flores de gelo que o inverno faz brotar nas árvores de Caxias ou Bom Jesus.

Comeremos pinhão quente, batata-doce e milho assado junto duma lareira amiga. Você provará as nossas bergamotas, isto é, as nossas tangerinas ou, se preferir, mexericas. Verá que as nossas laranjeiras nos terão desenvolvidos no ouro de seus frutos todo o sol que absorvem durante o verão. E em algum lugar do Rio grande minha velha amiga dona Bibiana lhe oferecerá um cálice de licor de butiá, uma fatia de pessegada com queijo – tudo preparado por suas mãos mágicas e ternas. E se sentarmos perto do fogo em alguma estância – digamos, no Alegrete ou em São Gabriel – é possível que um velho gaúcho se aproxime de nós e, devidamente motivado, se ponha a contar causos de guerras e assombrações. E você poderá ouvir de sua boca algumas de nossas lendas em estado puro: a do Negrinho do Pastoreio, a da mulita que ajudou Nossa Senhora, a da princesa moura que, por artes de magia, virou lagartixa com um carbúnculo chamejante na cabeça... E vendo e ouvindo esse campeiro tão íntimo da terra e da vida, tão iluminado pela sabedoria do coração, você compreenderá que o homem brasileiro é milagrosamente um só, de norte

a sul, de leste a oeste, a despeito de todas as distâncias geográficas – um só no que possui de essencial: a de rir da vida, dos outros e de si mesmo.

Nessa hora você, minha amiga, talvez já esteja preparada para olhar com mais tolerância para a terra gaúcha e a sua gente...

## **2. A origem da palavra "Gaúcho"**

Barbosa Lessa in Rodeio dos Ventos - Editora Mercado Aberto, 2a edição

As pessoas normais costumam fazer uma só vez ao ano as comemorações de aniversário. Eu, por apaixonado ou exótico, pedi que ela deixasse eu comemorar mensalmente o aniversário dela; e ela permitiu. A cada dia 21, quando saio do escritório ao final do expediente, passo no açougue e pego uma boa costela e passo no súper e trago umas cervejas para a geladeira. A reunião se faz na churrasqueira do meu galpão simbólico, num canto do pátio. Se o tempo está ruim, pode ser que não apareça quase ninguém. Se a noite está linda, preparamos o espírito para receber maior número de amigos.

Ninguém é convidado formalmente; mas basta que alguém seja relacionado com nossa casa para estar informalmente avisado de que será bem-vindo nas noites de 21. Os mais curiosos perguntam qual a razão de ter-se escolhido esse dia e qual o motivo da reunião. Desconverso. E nem mesmo nossos dois filhos sabem que escolhi essa fórmula para renovar, ao menos rima vez por mes, meus agradecimentos a Deus por ter me dado uma companheira tão bacana, tão

dedicada e fiel. As coisas de amor devem manter-se em segredo.

Alguns dos nossos amigos são mais assíduos às reuniões. Quase sempre vem o Heleno, carregando o violão e a bonita da Fátima. O Fraga, com seus poemas haicais. O Paolo Mellone, com suas inquietações de marketing e sua postura de visconde rio-grandino. E o Gregório, com a filha Zenaide.

A presença do negro Gregório talvez exija uma pequena explicação.

Ao tempo do meu bisavô, os crioulos Sousa eram nossos escravos. Ao tempo do meu avô, tornaram-se agregados da fazenda, plantando em regime de terça-parte. Ao tempo do meu pai, começaram a se desligar de nossa terra. Ao meu tempo, vários deles já moram em Porto Alegre.

Dos crioulos Sousa que hoje moram em Porto Alegre, só o mais velho se desencaminhou: é aquele que anda aparecendo nas crônicas policiais com o nome de "Crioulo Rengo". O mais moço joga nos juvenis do Internacional e está pintando para o próximo campeonato. Depois vem o meu afilhado, que é programador de computador na PROCERGS.

A Rosália, sempre bonita, casou com um motorista do Banco Sul-Brasileiro, está muito bem. E o Gregório se constitui numa surpresa, pois lá em nosso município nem se ouvia falar em batuque: é pai-de-santo. A filha dele, a Zenaide, é muito bem educadinha; está completando o 12 grau no Colégio Nossa Senhora da Glória.

Mais que o meu próprio afilhado, é o Gregório quem mantém maior relacionamento conosco. Herdou um certo atavismo de subserviência. Faz-nos agrados, traz presentes para meus filhos, sempre pergunta se estamos precisando de alguma coisa em que ele possa ser útil. Para retribuir, eu às vezes

compareço às grandes festas no terreiro dele, quando há homenagem a Xangô ou Iemanjá, embora me desagradem tais superstições de baixo espiritismo.

Há cinco meses, em julho, na reunião do dia 21, estávamos molhando a garganta à espera de que o churrasco ficasse bem assado, e o Mellone me perguntou se eu estava fazendo mais alguma nova pesquisa em História ou Folclore - que são duas matérias que eu cultivo por hobby. Respondi que eu gostaria muito de poder apresentar ao Congresso Tradicionalista, em Santo Antônio da Patrulha, uma contribuição séria a respeito da origem da palavra "gaúcho". Pois afinal - argumentei - não se pode aceitar que milhões de pessoas cultivem o gauchismo e desconheçam a origem da palavra, seu sentido, seu valor semântico.

- E qual é a etimologia de "gaúcho"? - perguntou o Fraga, com os olhinhos cintilando, talvez em pré-inspiração para um novo poema.

- Pois aí é que está. decepcionei-o. - Ninguém sabe.

Para que a coisa não ficasse parecendo conversa de doido, entrei em detalhes. Nunca se encontrara uma etimologia plenamente convincente. No Rio Grande do Sul difundiu-se uma explicação lendária, sem nexos, que junta o guarani guahu, "uivo do cão", com o pronome guarani che, "meu", e dessa soma resulta algo completamente diferente: "gente que canta triste" (?). No Uruguai os estudiosos se dividem em duas correntes de opinião.

Uma, do falecido professor Buenaventura Caviglio, reporta-se ao instrumento garrocha, espécie de foice com que outrora cortavam o jarrete dos bois durante as caçadas de couro; garrucho seria o homem portador de garrocha; e como os guaranis não conheciam o som rr, passaram a dizer guahucho.

A outra corrente, liderada pelo professor Fernando Assunção, reporta-se à

palavra francesa gauche (pronuncie-se "gôche"), que significa esquerdo e, por extensão, tudo o que não é direito; daí o galicismo espanhol gaucho, aplicado em Geometria e Arquitetura para significar aquilo que está fora de nível; e o primitivo gaúcho era considerado, dentro da superfície ou do plano social, como um defeito da raça espanhola.

- E na Argentina, como é que é? - perguntou a Fátima.

Respondi que, em 1925, um jornal de Buenos Aires promovera uma grande mesa-redonda para esclarecer em definitivo o tema, e os trinta intelectuais presentes só o que conseguiram foi uma confusão maior que antes, ao apresentarem uma pontchada de versões diferentes.

- Só o que se sabe mesmo - fui eu encerrando o assunto - é que o primeiro registro da palavra se deu em 1787, quando o matemático português Dr. José de Saldanha andou por aqui como integrante da comissão demarcadora de limites na banda oriental do Uruguai.

Numa nota de rodapé em seu relatório de trabalho, esclareceu, e eu até já decorei:

"GAUCHE, - palavra espanhola usada neste País Para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tiram-lhes o couro e vão vender ocultamente nas povoações".

- Mas então é uma palavra pejorativa... comentou o Fraga, decepcionado e já desinspirado.

- Talvez sim, talvez não. De qualquer maneira, pela explicação do demarcador



Saldanha a gente ficou sabendo que não é palavra portuguesa. Não era conhecida nem pelos portugueses do Reino nem pelos colonos das ilhas dos Açores.

E como o churrasco já estivesse bem no ponto, antes de ir servindo-o eu pus o ponto final:

- O Congresso está se aproximando e acho que vou terminar não apresentando tese nenhuma. Mas a nossa cultura ficaria muito grata a quem pudesse esclarecer o intrincado enigma. Se algum de vocês puder me ajudar, nada de constrangimento: me ajude.

À saída, o Gregório perguntou-me com certa humildade:

- Não ficarias chateado se eu te ajudasse a descobrir a origem da palavra gaúcho?

Compreendi: ele estava querendo fazer uma das suas bruxarias, sabia da minha incredulidade e, zeloso como era, não queria me ofender com uma intromissão não-consentida. Dei uma risada:

- Vais me dizer que também tens folcloristas entre os teus orixãs?!

- Não posso afirmar nem sim nem não, pois até hoje não precisei procurar nenhum. Mas temos alguns encostos que foram pretos africanos, índios, caboclos, boiadeiros, ao tempo do desbravamento territorial do Rio Grande, e talvez possam me informar alguma coisa.

- Não faço objeção: estás autorizado a convocar quem bem entendas.

- Se, por acaso, eu obtiver alguma mensagem, peço para a Zenaide passar para o papel e vir te trazer.

- x -

Já faz uns dois meses que, certa manhã, no momento em que eu saía de casa para ir trabalhar, apareceu Zenaide e entregou-me uma folha, arrancada de seu caderno escolar.

ORIGEM DA PALAVRA GAÚCHO

Se os brasileiros fossem os primeiros a chegar ao planeta Marte, e lá encontrassem marcianos vivendo na roça, não inventariam uma palavra nova para identificá-los, pois já têm a palavra: roceiro, matuto ou caipira.

Quando os navegadores europeus, a caminho das Índias Orientais, descobriram as Índias Ocidentais, para aqui transplantaram a palavra pela qual já identificavam os habitantes autóctones: índios.

Quando o Rei da Espanha mandou casais de agricultores das Ilhas Canárias povoarem a recém-fundada Montevideú, eles transplantaram a palavra pela qual identificavam o habitante autóctone das ilhas.- guanche, ou guancho.

O Dr. José de Saldanha estava certo ao dizer que se tratava de uma palavra espanhola. Só que não era o espanhol do continente: era o espanhol das Canárias.

Temos certeza de que foi esta a origem da palavra gaúcho, com pequena distorção de pronúncia: guanche, ou guancho.

(Informações dos caboclos Maicá, Saltein e Perdiz, do preto velho Catarino e do colono Juan Bermúdez, concatenadas pelo folclorista Apolinário Porto Alegre e psicografadas por Pai Gregório de Xangô durante o batuque da noite de hoje, 5 de outubro de 1977.)

Intrigado, fui ao Consulado da Espanha perguntar se havia algum canário residente em Porto Alegre. Indicaram-me o Sr. José Juan Morales Gutierrez, diretor de restaurantes da cadeia hoteleira Plaza. Convidei-o para tomar um uísque, ele foi muito simpático, eu não lhe disse realmente que estava tratando de assunto provocado por um pai-de-santo, mas conduzi o papo até que ele me pronunciasse o nome dos habitantes rurais das Canárias. A pronúncia é difícil de reproduzir em português.

Mais parece ganche, ou gantcho; mas também parece ser quantcho, gãotche, gaucho, guahuchi.

Disse-me o Sr. José Juan Morales Gutierrez que, se eu quisesse saber mais coisas sobre as Canárias, escrevesse ao Prof. Néstor Alamo, uma sumidade.

Somente hoje pela manhã chegou a resposta à minha carta:

"Las Palmas de Gran Canária, 10-XII-77.

"Distinguido señor: Espero me perdone usted; he estado de viaje primero y luego he tenido una serie fatigosa de trabajos que me ha impedido el atender a mis compromisos.

"Contesto a la suya de 7 de octubre anterior. Debo decirle que la palabra ganche no existe. Creo que ella debe corresponder a guanche, que sí tiene existência. Esta voz sirve a los habitantes prehispánicos de estas islas. Esta raza tuvo existencia hasta la mitad primera del siglo XVI aunque ya mezclada con los europeos que vinieron a civilizarnos. Hoy, la raza, como tal, está extinguida o casi, aunque en el sur de Tenerife aun se pueden observar débiles vestígios de ella. Acaso en las montañas de las otras islas también.

"Con mis deseos de que tenga una feliz Navidad y el mejor año 78, le saluda

(assinado) Néstor Alamo".

- x -

Ainda há tempo para ultimar e apresentar a tese, agora mês que vem, em Santo Antônio da Patrulha.

Mas tenho certeza de que o plenário vai cair na gargalhada quando me perguntar qual a fonte em que me baseei e eu invocar por testemunhas nada menos que cinco mortos: três caboclos, um negro e um colono canário que por aqui andaram há dois séculos ou mais.

Não, não vou apresentar tese nenhuma.

É claro que a cultura tradicionalista vai sair perdendo. Mas, ficando calado, salvo o meu pêlo e não vou passar por maluco.

Devo manter em segredo, para sempre, esta minha descoberta sobre a verdadeira origem da palavra gaúcho.

POSTADO POR AGNALDO FELIX SILVEIRA ÀS 11:34 0

COMENTÁRIOS 

[ENVIAR POR E-MAIL](#) [BLOGTHIS!](#) [COMPARTILHAR NO TWITTER](#)  
[COMPARTILHAR NO FACEBOOK](#) [COMPARTILHAR NO GOOGLE BUZZ](#)

Fonte - <http://mitologiagaucha.blogspot.com/search?updated-min=2010-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&updated-max=2011-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&max-results=6>

### 3.OS GAUCHOS SEGUNDO A OI

22/11/10 | [www.sul21.com.br](http://www.sul21.com.br)

#### **Marcelo Carneiro da Cunha \***

Pois estimados compatriotas, foi com um baita estranhamento que eu assisti a propaganda da Oi na tevê, aquela em que um rapaz afirma as muitas virtudes gaúchas para uma plateia deslumbrada com todas as nossas superioridades.

Aliás, vocês podem ver clicando [aqui](#).

Não sei como os ilustríssimos sulvinteanos se sentiram, mas eu senti um constrangimento de doer os ossos. Eu não gosto de ufanismos, pra começo de conversa. Minha avó Jovita, gauchíssima das bandas de Lagoa Vermelha não gostava, eu não gosto. Sou isso, sou aquilo, faço isso, faço aquilo. Hummm, quem faz, e bem faz, o faz, não alardeia, penso eu, neto de minha avó.

E o comercial é simplesmente cópia daquele do João, lembram? Criado por algum marqueteiro para a campanha do Lula, acho que de 2002, até o movimento dos braços é igual. Mas a mensagem do João, de ser brasileiro, era uma coisa mais generosa e inclusiva, não tinha esse som estranho que parece com uma ameaça a alguém, ao mesmo tempo em que nos elogia.

Tudo isso para vender celular? Fortalecer uma imagem de auto-suficiência que não nos ajuda em nada? Fortalecer o nós contra eles? Quem lutou contra o império? Nós? A minha Porto Alegre, por exemplo, não lutou. Nós, porto-alegrenses, então não somos gaúchos? E isso foi tudo que a gente fez com o nosso passado? Levamos barcos por terra para atacar Laguna, se não me engano, lutamos contra o império e perdemos, é isso?

Eu prefiro a parte em que imigrantes vindos dos Açores, da Alemanha, da Itália, de outras várias nações ou estados do país se mandaram para cá, em condições duríssimas, e criaram um estado multicultural, multiétnico e menos desigual. Ou, prefiro a parte em que a gente resistiu à tentativa de golpe militar em 1961, por exemplo, evitando-o até 64. Ou prefiro a parte em que encontro leitores, em todas as partes do estado, e eles são mais afirmativos e certamente mais críticos do que os que eu encontro em outras partes do país, em média. Isso me dá um sentimento de satisfação com o nosso jeito, sim.

Mas já quanto ao chimarrão como ato de afirmação cultural? Eu viajei esses dias com um músico nativista que levava a cuia e chimarrão no avião e tomava o seu mate, e olhe que isso dava um trabalho danado. Fiquei imaginando se um baiano precisaria comer o seu acarajé, um goiano remover os espinhos de um pequi, um amazonense caçar piranhas, ou um carioca mandar ver num samba esperto enquanto bebericava a sua caipirinha trazida em um isopor, para afirmarem a sua identidade regional para todos os demais verem à bordo da Webjet. É isso?

Eu, por exemplo, sou o único sujeito em todo o enorme prédio onde eu moro em São Paulo que colocou um adesivo de candidato à presidência no carro. Eu não fiz isso para afirmar a minha gauchidade, mas para afirmar a minha escolha, e terminei por fazer algo que gaúchos fazem muito e paulistas nem tanto. Já que ao final todo mundo vota e, portanto, expressa o que pensa e acha, faz tanta diferença o adesivo? E alguém acha mesmo legal todo mundo cantar o hino rio-grandense antes do futebol? Por que? Nossa cultura se sente ameaçada diante do Botafogo? Precisamos afirmar algo que, se verdadeiro, nos acompanha em cada segundo das nossas vidas e que não tem nada de superior em si, mas simplesmente nos define como seres culturais? Quem realmente acredita que a condição de ser gaúcho, a nossa condição, nos transforma em seres superiores? A quem? A que?

Brincar com as nossa peculiaridades, com o nosso jeito de ser, como os comerciais da Polar, tou dentro. Mas, lembremos que todo esse esforço serve para vender uma cerveja, que além do rótulo, não tem nada de diferente, e, dentro da garrafa, nada de melhor. Melhor mesmo são as Abadessa, Schmitt, Barley, Whitehead, que se esforçam por honrar a nossa tradição de estado feito por imigrantes sendo muito, muito boas, e não afirmando serem as melhores. O comercial da Oi me lembra aquele triste comercial do Bannisul, que dizia ser melhor por ser nosso. Não, não, e não mesmo. Melhor é ser bom. Melhor é ser nosso e saber dialogar com os demais, para se tornar ainda melhor. Vale para a literatura, vale para a música, vale para as cervejas e deve valer para todo o resto. E vale.

*\* Jornalista e escritor*

---

#### 4.Cinco representações do gaúcho na literatura

29 DE SETEMBRO DE 2015 - 14:14 CARLOS GARCIA, COLUNISTAS, LITERATURA

*Carlos Garcia*

Bombacha, lenço, bota, faca na guaiaca e cuia de chimarrão na mão. As características do gaúcho típico aparecem em todo lugar e esse conjunto é tido por muitos como verdadeiro. A literatura foi um dos meios que ajudou a disseminar essa fotografia. Mas será que essa a verdadeira imagem do gaúcho? Certo que não. Claro que o desenho do gauchão típico, à cavalo, de modos grosso, de bombacha, chapéu e bigodão resgata um tipo de gaúcho campeiro do passado. Mas não é exclusivo.

Assim como a literatura ajudou a construir e eternizar essa figura do gaúcho, ela também pode ajudar a mostrar outros tipos que compõe a imagem do homem do sul.

Busquei, portanto, cinco personagens que podem mostrar as características do gaúcho ao longo de sua história. Isso inclui, sim, o gaúchão típico, mas também outros tipos que formam a nossa imagem. A lista é composta somente por personagens fictícios e é restrita à literatura do Rio Grande do Sul, o que exclui figuras como Martín Fierro (José Hernández), Manuel Canho (José de Alencar) ou Facundo (Domingo Faustino Sarmiento). Vamos a lista, com ilustração de Stefano Pfitscher.

### **5 – Ângelo Gardone (em *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato)**

Alguém até poderia protestar, *esse nem gaúcho é!* Mas fiz questão de incluir a figura do imigrante que ajudou a construir o estado, aqui representado pelo italiano. Para quem acha que esse tipo não pode simbolizar a imagem do gaúcho, é só lembrar do passado recente. Por um bom tempo, o Felipão foi a representação máxima da figura do gaúcho. E o que ele era se não um descendente de imigrantes com acentuadas características de italiano? No caso do Gardone, trata-se de um trabalhador esforçado, acima de qualquer coisa. É também um homem conservador, católico fervoroso e que valoriza a família. Ao seu modo, procura ser justo e honesto.



#### **4 – Rodrigo Cambará (em *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo)**

Erico Verissimo não só retratou o gaúcho, mas também o Rio Grande do Sul e a história do seu desenvolvimento. Como aqui estamos tratando apenas de personagens, o escolhido é o capitão Rodrigo Cambará, que passa a imagem do gaúcho forte, bravo e guerreiro. Era militar e tinha fama de galanteador. O próprio Erico pode descrevê-lo melhor: “Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira”.





### **3 – Blau Nunes (em *Contos gauchescos e Lendas do sul*, de Simões Lopes Neto)**

Blau Nunes é a representação máxima do gaúcho. Não de todos os gaúchos. Mas do gaúcho idealizado, aquele gaúcho do campo, gaúcho grosso, o guasca do pampa. Simões Lopes Neto, ao dar vida a Blau Nunes, retratou com perfeição esse tipo típico, tanto na imagem, quanto nos costumes e linguagem. É um homem guerreiro, trabalhador, que gosta dos animais e da natureza e exalta o espírito guerreiro do gaúcho. “Genuíno tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco”, assim

Blau Nunes é descrito pelo seu criador pelotense. Muitos o colocariam como o número um desta lista, mas o que temos no personagem é mais uma caricatura do gaúcho campeiro do passado do que um retrato geral gaúcho.



## **2 – ele (em *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera)**

Quem ler este texto deve se perguntar *que diabos esse personagem, que nem o nome eu sei, está fazendo aqui? O que ele tem a ver com a identidade do gaúcho?* Explico: Quis incluir na lista um gaúcho do século 21. E o personagem de Daniel Galera, que na história é chamado simplesmente de “ele” pelo narrador, consegue dar mostras do gaúcho atual. É um homem que gosta da cidade, mas ao mesmo tempo quer fugir dela. Ao contrário do gaúcho antigo que preferiria o campo, nosso sulista moderno refugia-se do caos da grande cidade no litoral. Como a costa salgada do estado não é atrativa, esse gaúcho estica o passo até as belas praias de Santa Catarina. No caso do *Barba ensopada de sangue* há um motivo para migrar para o estado vizinho, mas muitos gaúchos o fazem por puro prazer. Ele é um homem preocupado com o físico e gosta de praticar esportes. E, sobretudo ligado à cultura pop. O cavalo como meio de

transporte, há muito abandonado, é substituído pela bicicleta. Por outro lado, ainda segue apegado às origens.



### 1 – Chiru (em *Sem rumo*, de Cyro Martins)

A medalha de ouro vai para o Chiru. Ao criar o personagem, Cyro Martins foi responsável pela quebra da imagem do gaúcho tradicional, representada em sua máxima expressão por Blau Nunes. A escolha se deu muito mais pelo que o personagem representa de forma geral do que pelas suas características específicas. *Sem rumo* é o primeiro livro da série *O gaúcho a pé*, que mostra a verdade sobre o gaúcho do campo e as dificuldades políticas e econômicas do estado. Chiru retrata a decadência do homem do pampa, que devido a fatores econômico e social deixa o campo para tentar a vida na cidade. Quando chega no novo ambiente, se depara com todas as tramoias que ainda hoje são comuns na nossa sociedade. E essas tramoias refletem, conseqüentemente, na política. Chiru, por sua vez, precisa ganhar o pão e tenta encontrar espaço no meio do fogo cruzado. Acaba perdido nesse conflito entre ser honesto e manter a família mesmo que a custo de falcatruas. É isso que deixa a história tão atual e faz de Chiru mais próximo do gaúcho atual do que o figurão clássico que só é visto no mês de setembro.



Os personagens escolhidos para compor esta lista compartilham lá suas características parecidas, mas cada um destaca-se pela personalidade própria. Ainda que tentei fugir da figura estereotipada do gaúcho, me foi impossível excluir os personagens mais importantes da nossa literatura que apresentam pouco ou muito de tal característica. O que mostra uma presença significativa do gauderião bombachudo nos romances do nosso estado. Por outro lado, são o retrato de uma época. O Chiru, mesmo ainda carregando alguns traços do homem tradicional do pampa, quebra a construção desse tipo, que vinha desde José Avençal, do livro *O Vaquiano*, de Apolinário Porto Alegre. Ainda que Rodrigo Cambará tenha sido criado depois (para cumprir outro objetivo), é a partir de Chiru que o gaúcho começa a deixar de ser Blau Nunes. Mas não tenho como objetivo analisar a linha do tempo do desenvolvimento dos personagens

gaúchos. Apenas quero lembrar dos personagens que podem representar o homem do Rio Grande do Sul.

Mais que as características individuais e a brincadeira de ranquear os personagens, é importante observar a soma das figuras lembradas. A verdade é que todos ajudam a formar a imagem do gaúcho. Podemos ter um pouco do guri do *Barba ensopada de sangue* e se sentir como o Chiru ou representado pelo Gardone.

### **EXTRA – Analista de Bagé (nos contos de Luis Fernando Veríssimo)**

O Analista de Bagé pode até não ser a melhor representação do gaúcho na literatura, mas provavelmente é o nosso personagem mais popular. Luis Fernando Veríssimo soube potencializar ao máximo a grossura do gaúcho justamente num profissional que deveria ser o oposto. Claro que esse absurdo dá um tom divertidíssimo ao personagem e suas histórias. O que não deve ser nada divertido é ser o paciente desse psicanalista freudiano mais ortodoxo que reclame de xarope. Ainda mais se ele aplicar a técnica do joelhoço.



#### **Carlos Garcia**

Formado em jornalismo pela Ulbra e editor do blog Literote. Gosta de literatura, história, futebol e, sobretudo, de escrever. Foi terceiro colocado no Prêmio José Marques de Melo de estímulo à Memória da Mídia, em 2011. Também é designer gráfico e assessor de Comunicação do Programa Integrado Socioambiental (Pisa). Neste espaço vai compartilhar opiniões e impressões sobre literatura.

---

## **5.Pampa Mio**

Augusto Méier

Eu digo: *pampa*, os lábios unidos se abrem, passo da intenção à distensão sem consciência de qualquer esforço, e depois de ecoar na memória, a palavrinha se dilata em horizontes e distâncias, até perder-se num vazio de imensidade... (Augusto Méier) cit. Impressões Regionalistas e outras crônicas, Rita Canter – Ed. Difusão de Cultura – POA , 1962.

## **6. ANTONIO CHIMANGO (fragmento)**

Ramiro Barcelos

Ninguém lamenta o tropeiro

Porque leva vida ingrata,

Se na lida se maltrata.

Tem muita compensação:

Tropa mansa, bom rincão

Ronda com luar de prata

Antonio Chimango, Ramiro Barcelos – cit por Rita Canter Ed. Difusão de Cultura – POA , 1962.

Pg 38 com a observação de que “ nesta estrofe temos de tudo:paisagem, alma,figuração.

## **7. 50 anos do “Rio Grande do Sul, um novo Nordeste”**

Paulo Timm - Publicado em [www.sul21.com.br](http://www.sul21.com.br) em 13/jan/2012

A seca brutal que assola dezenas de municípios gaúchos, num flagrante contraste com as enchentes no Sudeste do país, não é novidade. Sua intensidade e frequência, porém, já não deixam dúvidas de que o Estado deverá, tal como o Nordeste, preocupar-se cada vez mais com a oferta de água para a agricultura, na forma de Programas de Irrigação e Açudagem. Paradoxalmente – poucos sabem fora do nosso Estado -, o Rio Grande, cujo primeiro nome foi Província de São Pedro (!), é pródigo em chuvas e água doce. Calcula-se que mais de 15% da disponibilidade hídrica do país aqui se concentra. Toda a extensa faixa litorânea do Rio Grande do Sul se constitui de um recuo marítimo que deixou no seu rastro uma imensidão de lagoas que se estendem, aliás, até o vizinho Uruguai, oferecendo um cenário deslumbrante aos viajantes que por aqui passaram desde priscas eras. Isto, porém, não está impedindo a desertificação do Estado. Ou sua transformação num novo Nordeste. E por falar nisso...

Há 50 anos, um notável jornalista maranhense, Franklin de Oliveira, estarecia o Rio Grande com suas dez reportagens publicadas no Correio da Manhã, RJ, sobre o empobrecimento do Rio Grande do

Sul. Pior: o autor dizia que o Estado estava se tornando um novo Nordeste.

À época Leonel Brizola era o Governador do Estado, Mem de Sá, um dos Senadores, Fernando Ferrari, deputado federal. Todos eles se pronunciaram sobre as reportagens dizendo tratar-se de um libelo que deveria ser levado muito a sério. Foi tão importante esta série de artigos, depois transformada em livro, editado pela Civilização Brasileira, que de seu aparecimento até 1985 o Rio Grande do Sul viveu uma “síndrome da crise”. Diversos artigos dos economistas Cláudio Accurso, Francisco Carrion Jr. e Paulo Renato Souza, dentre outros, trataram amplamente das origens e perspectivas da crise no Rio Grande do Sul. Na Nova República, de 1985 até poucos anos depois, o Estado retomou o fôlego e deu início a uma nova era na reflexão sobre os rumos do seu desenvolvimento. Mais recentemente, porém, a [síndrome da crise ressurgiu](#) e toma a forma de uma inusitada rejeição ao Governo Federal, em especial ao PT, apesar da vitória no primeiro turno de Tarso Genro ao Governo, por este partido. Mas, nos dois turnos da eleição passada José Serra venceu, comprovando o que digo. Não é este, porém, o espaço para uma reflexão mais profunda sobre o tema. Vamos ao itinerário de Franklin de Oliveira.

O pensamento de Franklin, fortemente contrário ao modelo de industrialização implantado por JK, sob a égide dos “50 anos em 5”, mostrava que o preço deste modelo era a drenagem de recursos para o Sudeste (São Paulo). Dizia ele que as relações comerciais internas no Brasil eram francamente favoráveis aos produtos industrializados de São Paulo e que os demais Estados pagavam uma conta muito alta neste intercâmbio interno. No Rio Grande, em particular, ele mostrava que não lhe eram concedidas as cambiais necessárias para a modernização de um parque industrial notadamente familiar e sem vínculos de capital e tecnologia com o exterior. E dizia que os preços dos nossos produtos – agropecuários – eram administrados com rigor, perdendo na relação de intercâmbio com os produtos industrializados, este sob regime de mercado livre. Não deixou de notar o ilustre jornalista o contraste entre a campanha latifundiária e sujeita à inclemência do tempo com a região serrana pautada pela pequena propriedade agro-industrial. Sua análise da população marginalizada na cidade de Alegrete, capital do Pampa latifundiário, é comovente. E conclui: - *O Rio Grande expulsa o jovem empreendedor rural para o oeste do Paraná e Santa Catarina e retém nas margens do latifúndio uma população miserável.*

Passados todos estes anos, seria de se indagar:

Tinha razão o Jornalista? O Rio Grande empobreceu? Virou um novo Nordeste?

Certamente, não. O Estado tem a quarta economia do país, um IDH e uma renda per capita bem superiores à média nacional e um clima favorável aos empreendimentos privados, como comprovam [recentes pesquisas](#). Ontem mesmo o Governador Tarso anunciou que o Rio Grande do Sul contabilizou quase R\$ 15 bilhões em investimentos privados em 2011. Do total de 60 projetos anunciados pelas empresas que decidiram investir no Estado, seis teriam iniciado em 2010 e 54 foram captados em 2011. Ao mesmo tempo, a GM prossegue com as obras que transformarão sua unidade de Gravataí [na maior fábrica de carros do país](#), com investimentos na ordem de R\$ 2 bilhões.

Mas sérios problemas continuam nos afligindo nas relações com a União em termos de Política Tributária, Investimentos e Taxa de Câmbio, imobilizando o Governo do Estado. De uma forma geral, o Rio Grande está perdendo ou tem perdido muito nesse federalismo de araque do Brasil centralizado e clientelista. Curiosamente, hoje não se vê no Estado uma discussão à altura da crise que está vivendo, com exceção do Nucleo Gaúcho da [Dívida Cidadã](#) que está lutando junto à Assembléia Legislativa e Justiça no sentido de rever vários contratos de renegociação da dívida do Estado com a União. Talvez seja a hora de chamar a inteligência “creolla” à razão, para que nos dê conta, com clareza, das relações fiscais, financeiras e de investimentos com a União. É hora de repensar, enfim, com seriedade, nossas relações com um Brasil que estranhemos cada vez mais, à mercê de um Estado Providencial sustentado por uma política tradicional de alianças com o atraso. Necessitamos de uma redefinição do Pacto Federativo neste país. É urgente discutir o princípio de representatividade que sobrevaloriza o voto dos Estados menores nas eleições proporcionais para a Câmara dos Deputados, acabando por manipular – a seu favor — os mecanismos de transferências constitucionais aos Estados e Municípios do produto da arrecadação federal em seus territórios. Por que o voto de um cidadão de Roraima vale mais do que o de um gaúcho, ou de um paulista?

Finalmente, temos que discutir o sistema tributário e o conjunto que políticas públicas que penalizam, com o real sobrevalorizado — e a Lei Kandir — os Estados exportadores repassando-os, na forma de créditos a juros subsidiados do BNDES a grupos “campeões” que nada nos oferecem. E como, em plena era do conhecimento, a União não reconhece o esforço histórico de unidades da federação que detêm altos índices educacionais, como o Rio Grande, desde a I



República, deixando-os à míngua de recursos para pagar o salário mínimo dos professores? A qualidade da educação no Estado foi uma das razões que sustentaram o prestígio do Senador Pinheiro Machado àquela época, graças às mudanças na legislação eleitoral da Constituição Republicana que passou a valorizar a educação em detrimento da renda. Com isto, o Rio Grande, já com padrões educacionais elevados superou a velha Bahia em importância política e passou a ter peso na vida do país. Hoje, porém, o que mais se houve, por parte das autoridades governamentais é apenas o discurso da crise de recursos e o que se sente nas ruas das cidades e nas coxilhas do Rio Grande é que já não temos o peso que tivemos num passado de glórias. Nem o fato de termos, por vez primeira, desde o Governo Simon, o mesmo Partido nos Palácios do Planalto e do Piratini, ajuda muito. Isso dói!

(\*) Artigo originalmente escrito em 2010 e reescrito em 2012, com novos fatos , para o **Sul21**.

## **8.O GAÚCHO E A FRONTEIRA NO MUNDO VIRTUAL**

CARAMELLO, Érika Fernanda - Mestranda do PPGCOM / UFRGS.

### RESUMO

**Um rico e diversificado mundo simbólico compõe a identidade cultural do estado do Rio Grande do Sul. Tanto assim que ela é capaz de, a princípio, justificar um forte sentimento existente de negação do gaúcho enquanto brasileiro. Tal fato é ressaltado pela história ímpar do estado, marcado por diversos movimentos separatistas desde o século XIX. Hoje, o tema separatismo ainda gera muita polêmica. Porém, a discussão migrou dos campos de batalha para a Internet. Este artigo é parte integrante de uma pesquisa em andamento, cuja proposta é analisar o que pensa a comunidade virtual de um site de cultura e tradição gaúchas sobre o que é ser**

**gaúcho e sobre a formação de um Estado-nação próprio, a partir das mensagens enviadas pelos internautas para o mural de recados do mesmo. Entender como se dá o debate destas questões, tão atreladas à territorialidade, no espaço de fluxos é o objetivo do presente trabalho.**

Palavras-chave: Identidade Cultural Gaúcha. Separatismo

### **1 INTRODUÇÃO**

Identidade é “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (CASTELLS, 2000, p. 39). Desta maneira, os valores e o comportamento de um grupo estão diretamente relacionados com seu conhecimento. Ou seja, sua identidade baseia-se na teoria e prática das tradições (BORNHEIM, 1987, p. 19-20). Para constitui-la, o estabelecimento de mitos e símbolos próprios é fundamental.

O mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma.

Será necessário, mais tarde, impor a essa forma limites históricos, condições de funcionamento, reinvestindo nela a sociedade (BARTHES, 2003, p. 199).

Para o autor, sendo o mito “uma fala”, tudo pode construir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. Ele acredita que “a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm por camuflar. (...) A mitologia é uma concordância com o mundo, não como ele é, mas como pretende sê-lo” (BARTHES, 2003, p. 248-49).

Identidade cultural e nacionalismo são conceitos que geralmente caminham juntos. De acordo com Smith (1997, p. 67), o nacionalismo é uma doutrina ideológica que visa “obter e manter a autonomia, unidade e identidade em nome de um grupo humano que segundo alguns de seus componentes constituem de fato ou em potência uma nação”. Castells (2001, p. 47), por sua vez, complementa, dizendo que o “fato de o nacionalismo contemporâneo ser mais reativo do que ativo, tende a ser mais cultural do que político, e, portanto, mais dirigido à defesa de uma cultura já institucionalizada do que à construção ou defesa de um Estado”. Aqui vale destacar que, embora esteja associada ao Estado-nação, “a idéia de que as nações somente podem ser livres se tiverem seu Estado próprio soberano não é imprescindível, nem universal” (SMITH, 1997, p. 68). Um exemplo dado pelo autor é a região da Catalunha, na Espanha, onde os catalães, ao invés de visarem a independência incondicional, objetivam o autogoverno e a paridade cultural. Já o cenário do Rio Grande do Sul é um tanto diferente, como será visto a seguir.

## **2 O GAÚCHO E SUA NAÇÃO**

Assim como os demais mitos, o do gaúcho também foi construído. Até meados do século XIX, o termo gaúcho era pejorativo, advindo do termo guasca[2] e, posteriormente, de gaudério, nome este dado aos contrabandistas de gado oriundos do estado de São Paulo.

Depois, se transformou num substantivo gentilício. “O que ocorreu foi uma ressemantização do termo, através do qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional” (OLIVEN, 1989).

Comparando o gaúcho ao perfil de soldado, os estancieiros conseguiram mobilizar os peões para os combates da Revolução Farroupilha e demais guerras ocorridas nos países vizinhos da região sul do Brasil.

Trata-se essencialmente de um fenômeno ideológico o processo de construção do gaúcho como campeador e guerreiro, inserindo-o num espaço histórico onde os atributos de coragem, virilidade, argúcia e mobilidade são exigidos a todo momento, transportando-o ao plano do mito. E não há caso em que transpareça tão claramente a vitória da ideologia (CHAVES apud OLIVEN, 1989).

O Movimento Tradicionalista desempenhou um papel fundamental na construção da identidade cultural gaúcha. Numa breve retrospectiva, Tau Golin (apud MELO, 1995, p. 7-8), diz que, em 1898, foi fundado o Grêmio Gaúcho, a primeira tentativa de estabelecer a mítica do gaúcho, buscando no passado aquilo que viam como tradição ou história do Rio Grande do Sul. No fim da década de 40, foram criados os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), espécie de clubes temáticos do tradicionalismo gaúcho.

Neles, os líderes do Movimento Tradicionalista recolheram elementos da cultura popular e estabeleceram as ditas verdadeiras tradições do Rio Grande do Sul, impondo um modelo para todos os gaúchos. Outro período importante foi a década de 70, com o surgimento do Movimento Nativista e seus festivais de música regional. Todo este mundo simbólico, composto por CTGs, vestimentas típicas, culto ao chimarrão, etc., hoje está presente na vida social dos rio-grandenses-do-sul e é responsável, segundo Leal (apud JACKS, 1999, p. 72) por “uma espécie de negação da identidade nacional como um todo e muito mais uma identidade do gaúcho como ser único”. Oliven (1989) ressalta tal aspecto: Embora brasileiro, ele seria muito distinto de outros tipos sociais do País, guardando às vezes mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai. Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro, há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra etc.

Em outra obra, Oliven (1992, p. 100) aponta que a identidade cultural gaúcha baseia-se no passado que teria existido na região do Rio Grande do Sul denominada Campanha e no mito do gaúcho. O autor acredita que “manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do estado.

Por isso, um elemento recorrente no discurso tradicionalista é a referência à ameaça que pairaria sobre a integridade gaúcha” (OLIVEN, 1992, p. 108). Isto pode explicar os anseios separatistas tão presentes na história do estado.

O principal movimento separatista aconteceu ainda no século XIX. A Revolução Farroupilha, uma luta armada comandada pelos estancieiros inconformados com a centralização imperial e com a taxaço excessiva do charque gaúcho, visava dar mais autonomia à Província. Seu estopim foi em 20 de setembro de 1835, data da invasão da capital, Porto Alegre. Um ano depois, os farrapos proclamaram a República Piratini e elegeram Bento Gonçalves como presidente. Esta guerra somente findou com a assinatura do Tratado do Ponche Verde, em primeiro de março de 1845, entre os farrapos e o governo brasileiro.

Já no final do século XX, mais precisamente no ano de 1993, viam-se diversos movimentos separatistas espalhados no Rio Grande do Sul: o Partido Farroupilha, do advogado porto-alegrense Granata; o movimento Pátria Livre, de “Domingão”, também da capital gaúcha, e outros menores, que ultrapassavam a marca dos vinte na região sul. Porém, nenhum destes teve tanta repercussão quanto o Movimento Nacionalista Pampa.

Fundado em 18 de fevereiro de 1990, o Movimento Nacionalista Pampa surgiu com a intenção de criar um novo país a partir da unificação dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Seu líder é Irton Marx, um gaúcho de Santa Cruz do Sul. Ele idealizou um movimento bastante atuante, que já contou com 700 comissões municipais no sul do país, publicou o livro “Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho”, de sua autoria, e até elaborou uma bandeira desta nova república.

Irton Marx tinha como argumento principal o fato de que, teoricamente, o Estado do Rio Grande do Sul seria, desde 1835, uma República, pois o Tratado do Ponche Verde extinguiu somente a Revolução Farroupilha e não a independência gaúcha - prova disso são a bandeira e o brasão do Estado, que trazem a inscrição “República Rio-grandense”, além do hino gaúcho, que retrata a comemoração da Independência da República. Por não acreditar na possibilidade do governo brasileiro um dia vir a dar a autonomia às Unidades Federativas, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos, o movimento pela República Federal do Pampa sonhava com a separação dos estados gaúcho, catarinense e paranaense. Os motivos apontados por Marx são o tratamento periférico dado pelo Governo Federal a esta região e as grandes diferenças econômicas e culturais para com o resto do país, que evoca a idéia do gaúcho como não-brasileiro.

Não suportamos mais a demonstração da má vontade do governo do Brasil em relação ao “País dos Gaúchos”, ou à República do PAMPA GAÚCHO. A desorganização e a corrupção generalizada por todo o território brasileiro, a

indiferença para com a sua e a nossa gente, nos impelem a tomar uma decisão tão drástica que é o buscar a nossa própria autonomia, resgatando nossa história, firmando-nos como um povo autônomo, que olha o futuro com raro brilhantismo (MARX, 1990, p. 52).

Exposto na imprensa e investigado pela Polícia Federal, Irton Marx teve sua imagem desgastada. Porém, ainda hoje tenta fazer valer sua utopia separatista. Tanto que, em agosto de 2003, relançou o jornal semanário santa-cruzeiro O Estado Gaúcho, fator importante para a sua eleição como o vereador mais votado de sua cidade natal, após inúmeras tentativas frustradas em pleitos anteriores.

### **3 O GAÚCHO E A FRONTEIRA NO MUNDO VIRTUAL**

Estas questões relativas à identidade cultural gaúcha e aos movimentos separatistas do Rio Grande do Sul têm como pano de fundo a territorialidade. Porém, a Internet, conhecida como um espaço de fluxos[3], vem servindo de palco para estes debates.

Exemplo disso é o que acontece no site Galpão Virtual, o site de arte e tradição gaúchas do provedor Internet Via RS, pertencente à Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul (Procergs).

No dicionário, o termo galpão designa uma “edificação aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc.” (FERREIRA, 1999, p. 965). Para um dicionário regional gaúcho, no entanto, o termo é mais abrangente:

1. Grande construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. Possui, geralmente, uma área de chão batido e outra assoalhada com madeira bruta para guardar ração, arreios ferramentas e outros utensílios. No galpão se reúnem patrões, peões, tropeiros, viajantes e outros (menos as mulheres, pois trata-se de ambiente exclusivamente masculino); local onde se prepara e se come o churrasco e, num clima alegre e descontraído ao redor do fogo de chão, toma-se chimarrão, discutem-se as lidas de campo e contam-se causos.
2. Estábulo que serve de abrigo para animais.
3. Alpendre, varanda, edificação junto à casa de habitação (BOSSLE, 2003, p. 259).

Hoje, as sedes dos CTGs recebem este nome. Neste espírito, foi criado o site Galpão Virtual em setembro de 2000, em alusão à Semana Farroupilha. Como seu nome sugere, o site tem a preocupação de ambientar o internauta como se estivesse num CTG virtual: a cor marrom predominante remete à madeira dos rústicos galpões das entidades tradicionalistas, bem como a linguagem presente em suas páginas, o portunhol, uma mistura de espanhol e português, que é muito

utilizada pelos gaúchos em razão da proximidade física com o Uruguai e a Argentina. Além desta ambientação, o internauta encontra no site, entre outros assuntos, receitas campeiras, poesias, músicas regionalistas cifradas para violão, informações acerca da vestimenta de gaúcho, registros de eventos, curiosidades, minidicionário guasca, história do Rio Grande do Sul, lendas, ditados e um extenso banco de dados com quase dois mil endereços de CTGs e piquetes tradicionalistas, muitos deles em outros estados e países.

Porém, é na seção denominada Tchê-mail, objeto de estudo deste trabalho, que sua comunidade virtual de internautas deixa as impressões acerca do site e de assuntos correlatos.

Ao contrário das comunidades ditas tradicionais, formadas pela proximidade geográfica, as comunidades virtuais são constituídas a partir de indivíduos com os mesmos interesses conectados na Internet. “Comunidade Virtual seria o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC)” (RECUERO, 2001, p. 6). Baseada em Maffesoli no conceito de tribos eletrônicas, Gehrke (2002, p. 84) complementa:

“utilizando a Internet como meio, tribos eletrônicas têm se formado, agregando indivíduos com os mesmos interesses, mesmo que distantes geograficamente.” Por fim, Recuero (2001, p. 11) diz que “a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais.”

O livro de visitas virtual do site Galpão Virtual, denominado Tchê-mail, esboça o alcance geográfico do mesmo, uma vez que boa parte de seus registros é de internautas de outros estados brasileiros e países. As mensagens nele publicadas também registram a formação voluntária de uma comunidade virtual interessada no tradicionalismo gaúcho, desfigurando a função inicial daquele espaço, que passou a apresentar características de fórum de debates. No entanto, dois assuntos debatidos entre os internautas no Tchê-mail chamam a atenção, pois remetem aos conceitos acima trabalhados. O que é ser gaúcho? Qual é o posicionamento dos mesmos sobre separar o Rio Grande do Sul do Brasil? Para saber o que a comunidade virtual mantida através do site pensa acerca destes assuntos, são apresentadas as mensagens do Tchê-mail que mencionam tais temáticas, enviadas em dois momentos distintos, conforme descrição abaixo.

#### **4 IMPRESSÕES SOBRE O GAÚCHO**

O primeiro período de mensagens analisadas compreende de junho a agosto de 2002, onde aconteceu uma fervorosa discussão sobre o que é ser gaúcho. Aqui, pode-se averiguar, nos comentários enviados ao Tchê-mail, o confronto de três

grandes grupos: os gaúchos que vivem no Rio Grande do Sul, aqueles que vivem fora do estado, e aqueles que não nasceram no Rio Grande do Sul, mas cultivam os hábitos e/ou apreciam a cultura sul-rio-grandense. O segundo caso lembra Smith (1997, p. 69), quando diz que “os integrantes da nação[4] que se encontram fora da pátria se consideram perdidos”.

O terceiro grupo, porém, é o mais intrigante, uma vez que foi o pivô de um grande debate no site, como provam as mensagens a seguir[5].

No dia 15 de junho de 2002, a internauta Juliana[6], de Joinville – SC, deixou no Tchê-mail a mensagem “Te achega gaúcho pro pampa teu lar. Convido todos pra conhecer este site!” Passados três dias depois, Graziela Weber, de Porto Alegre – RS, escreveu em resposta: “Mas bah! Me desculpem os barrigas-verde, mas não entendo a insistência dos Catarinenses em serem chamados de gaúchos... Tantas lutas tiveram os Genuínos Gaúchos para manterem e divulgarem nossa tradição para virem os Catarinos e se autodenominarem Gaúchos!”

Frente à reação desta internauta, outros gaúchos começaram a se manifestar.

No dia 24 daquele mês, Gumercindo, de Fortaleza dos Valos – RS, lembrou:

“Praticamente o Rio Grande começou a ser criado lá pelas bandas de Laguna, no século XVII. Então os barrigas-verde são nossos irmãos acima de tudo”. Um dia depois, Graziela renovou sua posição, dizendo que “Os Catarinenses são irmãos assim como todo o Brasileiro. Mas aí ser chamados de Gaúchos!” Nota-se uma certa ironia da internauta ao destacar a palavra irmãos quando se refere aos catarinenses e demais brasileiros, que reforça seu sentimento do gaúcho como ser ímpar.

Outro internauta envolvido na discussão foi Cristiano, de Novo Hamburgo – RS, que em 25 de junho enviou uma mensagem claramente destinada a Graziela, mesmo não apontando seu nome. Na oportunidade, ele lembrou que “muitas das grandes batalhas que nos deram a liberdade tiveram como QG a querência lagunense, que hoje pertence ao estado de Santa Catarina”. Insistindo em seu ponto de vista, Graziela, no dia 28 de junho, continuou afirmando que tinha conhecimento sobre “essa história de Laguna, mas Catarinenses são Catarinenses e Gaúchos são Gaúchos”.

Por fim, em 25 de agosto do mesmo ano, Odilon Dorval Klein, de Ijuí – RS, conseguiu amenizar a agressividade de Graziela. Sua mensagem foi direta: “Já tinha visto índio[7] grosso e boçal. Mas esse (sic!) tal de G.W. levou todas as fichas, pois não é que o vivente vem de atropelar nossos buenos irmãos de Santa Catarina?” Mais adiante, Odilon pediu desculpa aos catarinenses e disse que não há “nada pior que um gaúcho que não respeita os seus semelhantes.” Dois dias depois, Graziela, parecendo arrependida, escreveu: “está bem, Odilon, você

me convenceu”. No último dia daquele mês, Odilon publicou nova mensagem no Tchê-mail, numa resposta à Graziela: “Peço desculpas pelo chasco. Mas vejas, somos todos brasileiros e, por esse motivo, devemos respeito a todos os nossos irmãos. E principalmente o gaúcho que sempre primou pelo respeito e cordialidade”.

Passadas algumas semanas, um internauta deixou um recado provocativo em relação à discussão acima. No início de seu recado, Sady Carlos de Souza Júnior, de São Paulo – SP, perguntou: “Como vão os nossos gaúchos? Sou gaúcho, moro em São Paulo há algum tempo e venho por esta dar um alô a todos os conterrâneos e barrigas-verdes! :- )”

Mais adiante, o assunto renasceu, desta vez na mensagem enviada em 6 de outubro por Renato Kammler, de Marcelino Ramos – RS. Ele escreveu: “Quero falar que gaúcho é todo aquele que defende e se orgulha de nosso pampa, não importando se é catarina ou cearense”. Assim, ele se posicionou sobre o que é ser gaúcho, no caso mostrando que é mais um “estado de espírito” do que mesmo um substantivo gentílico dos nascidos no estado do Rio Grande do Sul. Porém, a continuação desta mensagem é particularmente interessante: “mas só quem nasceu aqui tem o verdadeiro sangue dos heróis farrapos nas veias, coisa que aqueles b... enrustidos do Casseta e Planeta nem em sonho algum dia terão. Um grande abraço deste que se orgulha de ser chamado de

gaúcho”. Aqui, o internauta demonstrou aversão ao programa humorístico da Rede Globo, que, na época, exibia semanalmente personagens com trejeitos homossexuais trajando vestimentas gaúchas, numa explícita paródia ao mito do gaúcho.

## **5 IMPRESSÕES SOBRE O SEPARATISMO GAÚCHO**

Já num outro momento, mais precisamente entre os dias 31 de agosto e 22 de setembro de 2003, em razão da comemoração da Semana Farroupilha, o Tchê-mail foi palco de outra discussão polêmica, que até o presente momento divide as opiniões dos internautas do site: o movimento separatista da República do Pampa Gaúcho. Neste período, quase uma centena de mensagens sobre esta temática foi enviada. Apesar do descrédito sobre Irton Marx e seu movimento, provocado pela mídia no início da década de 90, há ainda quem é entusiasta da idéia. É o caso de Manoel Augusto Diniz, de Santa Cruz do Sul - RS, não por acaso a cidade natal do líder do Movimento Nacionalista Pampa. No dia 31 de agosto de 2003, ele disse que gostou de visitar o site, porém este “deixou a desejar no quesito Separatismo, sendo que assim deixou de lado o crescente sentimento que faz parte de nosso dia-a-dia, e também os movimentos organizados em prol desta causa”. Já no dia 5 de setembro, Diniz voltou a publicar nova mensagem, desta vez apelando para o boicote ao programa



Casseta e Planeta, e terminou seu recado evocando: “Viva o povo gaúcho. Viva a República Riograndense!”

Três dias depois, o internauta Vilnei Costa, de Porto Alegre – RS, mostrou-se contra o ideal separatista defendido por Diniz, ao afirmar que não acreditava ver a separação do Brasil como a solução para os problemas dos gaúchos. No mesmo dia, Diniz, diferenciando o gaúcho dos brasileiros e novamente clamando por uma nação próprio, disse que respeitava opiniões contrárias a sua, embora considerasse “estranho uma pessoa ser contra sua própria cultura e a favor de uns b... que denigrem nossa imagem gaúcha, e conseguiram associar a imagem do homem sul-rio-grandense ao homossexualismo”.

Neste mesmo dia, Diniz sugeriu aos demais internautas que assinassem o campo “país” do formulário de envio das mensagens do Tchê-mail como “República Riograndense”, algo que ele próprio já fazia em suas mensagens anteriores e continuou fazendo em diversas mensagens posteriores a esta. Porém, com o limite da cota de caracteres de preenchimento do campo, no site aparece apenas “República Rio Grande”. Seu apelo foi atendido no período determinado para esta análise pelos internautas Renato Kammler, de Marcelino Ramos – RS, já citado anteriormente na discussão sobre ser gaúcho, Jonas, de Alegrete - RS, Luciano Silva e Antonio, ambos de Santa Cruz do Sul – RS, Glauco, de Curitiba – PR, os porto-alegrenses Fernando e um internauta cujo pseudônimo é Gaúcho, além de outro de pseudônimo Tchê, que, por sua vez, não indicou sua localidade. Todos preencheram o campo “país”, ou com os mesmos dizeres de Diniz, ou como “Pampa Gaúcho”. Já Rodrigo Furquim, de Porto Alegre – RS, preferiu escrever “Brasil” com aspas.

No dia 11 de setembro, Diniz chegou a enviar para o Tchê-mail trechos do texto da proclamação da Independência da República Rio-grandense, ocorrida nesta data no ano de 1836. Também lembrou quando, no início dos anos 90, a Rede Globo, através do programa dominical Fantástico, ridicularizou o estado através de uma reportagem parcial sobre o movimento da República do Pampa Gaúcho. Naquela ocasião, a matéria mostrou imagens com nomes de estabelecimentos comerciais de origem alemã na cidade e a aparência de seus habitantes - loiros, em sua maioria, devido à descendência germânica de sua população. Feito isso, destacou Irton Marx, o líder do movimento República do Pampa Gaúcho, explicando os motivos que o levaram a lutar pelo separatismo, enquanto mostrava cenas dele falando na língua utilizada por seus antepassados com seu cachorro de raça pastor alemão. Assim, a reportagem conseguiu associar a imagem de Irton Marx ao nazismo alemão, assim como seu movimento, sua cidade e seu estado, causando uma grande repercussão no Rio Grande do Sul e no Brasil afora.

Em meio às mensagens enviadas por Diniz, muitos internautas interagem com o mesmo, alguns o elogiando pela defesa da causa separatista, outros

demonstrando interesse para obter mais informações sobre os movimentos separatistas existentes no sul do país. Na contramão deste pensamento estava a internauta que assinou sob o nome de Lele, uma gaúcha que reside em Curitiba – PR. No dia 9 de setembro, ela afirmou: “orgulho-me de ser gaúcha, mas acima de tudo somos brasileiros e nossa cultura é rica. Não podemos ser soberbos, presunçosos e limitados só porque somos do RS. Depois que saí do RS, eu entendi isso. E nem por isso deixei minhas raízes”. Já no dia 11 de setembro, ela afirmou que “o RS (e nem outro Estado) não é e nunca será auto-suficiente.” Apesar de discordar com Diniz, numa outra mensagem enviada neste mesmo dia, Lele se dirigia a ele dizendo que considerava a discussão importante e o assunto oportuno. Ela também se dizia favorável à manutenção do tradicionalismo, às comemorações da Semana Farroupilha e de tudo relativo ao estado. Havia apenas uma exceção: “sou contra o separatismo. Só isso”. Mais adiante, ela questionou: “Verdadeiros Rio-grandenses então são somente aqueles que concordam com o separatismo? Conceito novo de Rio-grandense agora?” E complementou: “Os Riograndenses de coração não precisam ser necessariamente a favor do separatismo. Eu sou Gaúcha, Rio-grandense e não sou a favor do separatismo”. Outro comentário desta internauta estava presente numa mensagem datada de 16 de setembro, onde ela disse: “Preservar a cultura e as tradições, sim. O que não quer dizer fechar as fronteiras e viver de mal com o resto”.

Outra internauta que segue este mesmo pensamento é Karen, uma gaúcha que mora em Porto Alegre – RS. Em suas primeiras participações no Tchê-mail, datadas em 10 de setembro, ela se perguntava: “Para que separar?” Adiante, ressaltou que, caso o Brasil se desintegrasse, São Paulo continuaria sendo um centro mais forte que o Rio Grande do Sul, e Minas Gerais continuaria tendo uma história e uma cultura tão ricas quanto às gaúchas. Por fim, ela enfatizou: “somos gaúchos com muito orgulho, ainda mais inflamados agora com as comemorações da Semana Farroupilha; mas, acima de

tudo, somos Brasil”. Por sua vez, Gumercindo Pantaleão, de Santa Maria – RS, ressaltou que “o lance do separatismo só ocorreu em nossa história por fatores que se somaram naquela época. Hoje isso não existe mais”. Por fim, se dizia “gaúcho de coração e brasileiro por opção”. Era um discurso muito semelhante ao de Luis Carlos Azzi Araújo, da cidade gaúcha de São Jerônimo: “somos brasileiros, nós, gaúchos, por opção; enquanto ELES (os demais brasileiros)[8], em decorrência da linha de Tordesilhas”.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir deste breve trabalho, pode-se observar algumas tendências entre os internautas do site Galpão Virtual. Na discussão sobre o que é ser gaúcho, havia o pensamento comum de que, o fato de não ter nascido no Rio Grande do Sul, não impediria uma pessoa de se sentir gaúcha - em especial os

catarinenses, em razão da luta desde povo para a instauração da República Juliana, enquanto no Rio Grande do Sul ocorria concomitantemente a Revolução Farroupilha. Independente disto, é prerrogativa o apreço pela cultura sul-riograndense para ser um gaúcho. Como lembrou o internauta santa-mariense Gumercindo Pantaleão no dia 12 de setembro de 2003, ser “gaúcho é um estado de espírito”. O mesmo não se pode dizer quando o assunto em pauta era o separatismo do estado, como o citado Movimento Nacionalista Pampa: houve um embate muito forte entre aqueles que eram favoráveis e os que eram contra a separação do Brasil. No entanto, hoje, o cerne está no debate ideológico, não mais em sangrentas lutas. Assim, parece que o mito do gaúcho vem perdendo sua força original, como já sugeriu o pernambucano Ascenso Ferreira em seu poema “Gaúcho”:

“Riscando os cavalos.  
Tinindo as esporas.  
Través das coxilhas.  
Sai de meus pagos em  
louca arrancada.  
Para que?  
Pra nada!”

Ainda que Castells conceitue o espaço de fluxos como desterritorializado, onde as fronteiras e o corpo físico perdem importância, percebe-se nos debates a presença de um linguajar próprio dos habitantes do Rio Grande do Sul, o portunhol, bem como a referência a locais delimitados, que vai da palavra Galpão presente no nome do site, passa pela questão da identidade cultural gaúcha e chega nos movimentos separatistas sul-riograndenses. Em todos estes casos, a delimitação fronteiriça é latente, trazendo à tona a existência da fronteira na Internet. Sobre este assunto, há ainda outro ponto relevante: em nenhuma das mensagens dos períodos analisados houve a sugestão ou

tentativa desta comunidade virtual promover um encontro real para que seus membros pudessem discutir seus pontos de vista, por mais que estes tenham interagido no Tchêmail.

O debate prossegue, sendo o presente artigo apenas parte de um trabalho em andamento. E, ao que tudo indica, tão cedo a interação entre os internautas não cessará – aliás, estas discussões se encontram na pauta do dia daquela seção do site.

## BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd A. et al. Cultura brasileira: tradição e contradição. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BOSSLE, Batista. Dicionário gaúcho brasileiro. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALPÃO VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.galpaovirtual.com.br>>. Acesso em: 05 abr. 2004.

GEHRKE, Mirian Engel Rotinas digitais de comunicação pessoal: Internet e sociabilidade contemporânea. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

JACKS, Nilda. Querência: cultura regional como mediação simbólica. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999.

KUHN, Fábio. Breve história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

MARX, Irton. República do Pampa Gaúcho [26 mai. 1996]. CARMELLO, Érika Fernanda.

CREMONESE, Lia Emília. DARDE, Vicente William da Silva. Santa Cruz do Sul: FABICO/UFRGS.. Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho. Santa Cruz do Sul: Excelsior, 1990.

MELO, Itamar. A invenção do gaúcho. Sextante, Porto Alegre, n. 24, p. 6-8, dez.1995.

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis:

Vozes, 1992.

O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controversa. RBCS, n. 9, fev.1989.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: Seminário

Internacional de Comunicação, 5., 2001, Porto Alegre.

SMITH, Anthony D. La identidad nacional. Madri: Trama Editorial, 1997.

[1] Versão revisada e atualizada do artigo apresentado na 7ª FOLKCOM - Conferência Brasileira de Folkcomunicação, evento realizado entre os dias 13 e 16 de maio de 2004, na Univates, em Lajeado - RS.

[2] "Homem rústico, valente, forte, guapo, grosseiro, rude" (BOSSLE, 2003, p. 278).

[3] De acordo com Castells (2000, p. 436), "o espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos". O autor afirma que sua existência depende da presença de circuitos eletrônicos, nós e centros de comunicação, além da organização espacial das elites empresariais.

[4] Grifo meu.

[5] Em razão da grande quantidade de erros de digitação, ortografia a gramática, a grafia das mensagens

presentes neste trabalho foram revisadas, sem ocasionar perda ou alteração de seu sentido original.

[6] As pessoas são citadas neste trabalho pelo nome e/ou apelido que colocaram no campo homônimo no formulário de envio de mensagens do Tchê-mail.

[7] Sinônimo de gaúcho, numa alusão aos índios que viviam na região dos Sete Povos das Missões.

[8] Grifo meu.

FONTE

[www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/4082/4456](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/4082/4456)  
[www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/4082/4456](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/4082/4456)

### **9. Farroupilhas, mitos e tradições inventadas**

Postado por Juremir em 21 de setembro de 2014 - Uncategorized

Eu sou a favor dos mitos. Sei que toda sociedade precisa de rituais, baseados em mitos, que pontuem a passagem do tempo, deem sentido a vida, permitam festejar, vibrar em comum, como diz Michel Maffesoli, e sentir-se pertencendo a algo forte.

O mito está na base das identidades.

As tradições sempre aliam parte de verdade histórica e parte de mitologia.

A verdade pode até ser prejudicial nesses casos, descosturando o mito do passado necessário à vibração do presente.

O papel dos historiadores, porém, é dizer a verdade possível sem escondê-la atrás de falsas complexificações capazes de servir de álibi para os preconceitos do presente. Os mortos não podem mais governar os vivos. As invenções sobre o passado não podem servir de justificativa para as imposições de princípios preconceituosos ao presente. O resto é absolutamente livre.

A sabedoria do povo dispensa o conhecimento dos historiadores na hora de fazer a festa. Ainda bem. A vida regida só pelos historiadores seria muita verdadeira e chata. O problema é que se costuma acreditar nos mitos contados. O gaúcho que comemora a revolução farroupilha de bombacha acredita que os homens da época da guerra civil usavam bombacha.

Mas não é verdade. A bombacha veio depois. Isso é só um exemplo.

Sobre a revolução farroupilha existem muitas narrativas inverídicas.

O comandante dos lanceiros negros, Teixeira Nunes, não morreu em Porongos.

A traição em Porongos não se assenta apenas no episódio de uma carta falsa forjada para desmoralizar Canabarro.

São muitos os detalhes para além dessa carta que embasam a traição.

Os negros farroupilhas foram entregues aos imperiais e levados para o Rio de Janeiro onde se tornaram escravos da nação.

Em História Regional da Infâmia, abordo detalhadamente cada um desses aspectos. O resto é simplismo de quem fala em complexidade como uma derradeira tentativa de esconder a verdade para fortalecer a ilusão.

\*

[O tenente Caldeira]

Esteve no palácio, em Porto Alegre, anos antes de Porongos, quando Ulhoa Cintra, enviado de Bento Gonçalves, ouviu do presidente da província, Álvares Machado, que podia aceitar todas as demandas dos rebeldes, mas “os pretos cativos que estão servindo na revolução serão entregues ao Governo para lhes dar o destino conveniente”. Ouviu Ulhoa contestar: “Visto isso ficarão eles sendo escravos do Governo?” E Machado: “Não ficarão escravos do Governo, vão ser entregues ao Governo para serem empregados nas fazendas da Nação”. E Ulhoa: “Vem a ser a mesma coisa, sempre serão escravos”. Viu o presidente levantar e indicar a porta da rua. Ouvira também o presidente afirmar que os senhores de escravos que apresentassem documentos seriam indenizados.

\*

Em 5 de março de 1845, Caxias escreveu ao ministro da Guerra, Jerônimo Coelho: “Os escravos que eles ainda conservavam armados, foram entregues com suas armas, e seu número já não excede a 120 (...) Os escravos mandei adir aos corpos de Cavalaria de Linha, até seguirem para essa Corte na forma das ordens que recebi”. Recebeu e cumpriu. A questão dos escravos fora o ponto mais difícil para alcançar a paz. Em 7 de Maio de 1845, o ministro cobrou de

Caxias o envio dos negros: “Sua Majestade o Imperador mandando renovar a ordem a Vossa Excelência designada na última parte do Aviso reservado do 1º de abril, determina (...) que Vossa Excelência na ocasião de remeter para esta Corte os escravos entregues pelos rebeldes, e quaisquer outros anteriormente prisioneiros, os faça acompanhar de relações nominais, tanto agora deles, como dos senhores, a quem pertencem”. Em 1º de agosto de 1845, o ministro da Marinha, Cavalcanti de Albuquerque, especificou: “Deverão ser remetidos para esta Corte tanto os escravos que forem aí pagos como os que devem ser aqui avaliados, a fim de se lhes dar o conveniente destino” (Avisos de Guerra, AHRGS. BI. 049).

\*

Em 25 de agosto de 1845, porém, chegaram ao Rio de Janeiro 77 negros e 19 inválidos provenientes do Rio Grande, conforme noticiaram o Diário do Rio de Janeiro e o Jornal do Commercio. Viajaram numa barca chamada Triunpho da Inveja. Esses recortes de jornal foram agora localizados por Fernando Quadrado Leite. Quem poderia invejá-los? Que teriam sentido ao desembarcar? Houve fugas antes e depois da partida. Foi preciso amarrá-los antes do embarque.

\*

Antônio Vicente da Fontoura diz que Teixeira Nunes, o comandante dos lanceiros negros foi “morto como um bravo em combate contra forças superiores de Francisco Pedro de Abreu, no Arroio Grande (20 de novembro de 1844)”. Na versão de Alfredo Varela, na sua “História da Grande Revolução” (vol. 6, p. 258-259), nada disso está correto. Nem a data. Teixeira Nunes “devia arrecadar impostos, e fornecer do necessário, a tropa, no distrito do Arroio Grande (...) Notando estar agora inteiramente cortado do exército, buscou reunir as suas partidas volantes para distanciar-se (...) Efetuada a incorporação, e já cobradas as taxas na aldeia supra e costa do Chasqueiro, movia-se o contingente revolucionário em franco recuo para noroeste, quando a sua desfortuna o pôs nas unhas de um dos mais bravios filhotes do possante condor, ávido de substância farrapa, que voava e revoava, nesse departamento da República. Acampava, a 26, perto de Canudos, e Fidelis, o indicado subalerno e bom discípulo, caiu de improviso sobre os retirantes. (...) Assistiu-se aí à exata miniatura do que se vira em Porongos: total e ruinoso destroço. Sucumbiram muitos sob o ferro legalista, divulgando a apologia dos Abreus que, entre os mortos na surpresa, se contara o nobre Teixeira, ilustre entre os mais ilustres pugilistas do áureo decênio. Mais uma inverdade escandalosa, disseminada pela turba dos vencedores. É falso! ‘Prisioneiro, foi assassinado’”.

\*

Canabarro, conforme narra o tenente Caldeira, foi advertido da presença dos imperiais nas proximidades do seu acampamento em Porongos. Foram muitos os sinais, indícios, encontro de vanguardas e um aviso muito direito.

\*

“Francisco Pedro, na véspera do ataque, acampou nos fundos do potreiro da estância da Dona Manoela, irmã do General Neto, sobre a margem esquerda dum galho de arroio Candiotinha que recebe águas da serra da Veleda. Um peão

da dita estância foi recolher animais no campo e falou com os cavaleiros que cuidavam a cavalaria da força que estava acampada e por eles soube que era Moringue que ali estava. Dona Manoela sabia que Canabarro estava acampado nos Porongos e mandou chamar o velho Pereira que morava no Candiotinha, o qual atendeu ao seu chamado e pediu-lhe para ir ao acampamento do Canabarro dizer ao seu irmão que Moringue estava acampado no referido lugar. Pereira foi à casa mudar de cavalo e roupa e depois marchou para o acampamento e deu o recado a Neto, que sua irmã lhe mandava. Neto depois de ouvi-lo disse: 'Vá dar a mesma notícia a Canabarro'. Pereira foi à barraca de Canabarro e, aproximando-se respeitosamente a ele, transmitiu-lhe a referida notícia. Canabarro perguntou a Pereira: 'Você viu o Moringue?' Pereira respondeu negativamente. Canabarro: "E então, como é que diz que é o Moringue?"

"Pereira disse como sabia. Canabarro: 'Você não está mentindo?' Pereira era homem sério e ficou desapontado. Canabarro perguntou-lhe de que lado era o vento. Pereira disse de que lado estava, então Canabarro disse: 'O Moringue sentindo a minha catanga aqui não vem. Marche para a sua casa e não ande espalhando esta notícia aterradora aqui no acampamento'. Canabarro deu ordem para chegar a cavalaria da reserva à frente do acampamento, para mudarem de cavalos (os cavalos chegaram porém não foram pegos). Também deu ordem ao quartel-mestre para recolher o cartuchame da infantaria e carregasse em cargueiros porque estavam se estragando nas patronas; para serem distribuídos quando aparecesse inimigo. Neto estava acampado em mau lugar, por isso mudou de acampamento depois que teve aviso de sua irmã. Os artilheiros estavam acampados no lombo de uma estreita coxilha que está situada entre o arroio dos Porongos e uma vertente que nasce no cerro do mesmo nome". Antes de Canabarro acampar nos Porongos, mandou pôr as duas peças que tinha em um lagoão que está no fundo do campo de João Lucas de Oliveira, sobre a margem direita do Candiotinha Grande, pouco acima da barra do arroio do Tigre. João Antônio estava acampado à margem esquerda do arroio dos Porongos em bom campo. A infantaria desarmada estava na margem direita do dito arroio. Na retaguarda da barraca de Canabarro tinha um passo que por ele passava-se para o acampamento de João Antônio" .

"Moringue marchou do Candiotinha pelas quatro horas da tarde, mais ou menos, lançando fogo no campo e na noite daquele dia estendeu a cavalaria em linha na frente do acampamento de Canabarro e mandou tocar a alvorada e, antes de mandar um esquadrão de cavalaria entrar pela retaguarda da infeliz infantaria, deu ordem que não matassem os brancos e sim os mulatos, negros e índios. Canabarro, ouvindo o toque de alvorada, montou a cavalo com o seu Estado-maior e passou o arroio do dito passo e apresentou-se à frente da força de João Antônio, o qual estava furioso por ver a matança que o inimigo fazia em seus companheiros de armas sem socorrê-los por Canabarro não consentir". Canabarro ficou naquele dia nos campos dos Porongos e pernitoitou, e no outro dia marchou serenamente para o campo do contrato, ficando Neto derrotado completamente por causa do péssimo terreno escolhido (a propósito) por Canabarro."

Assim foram traídos os negros.



Tags: Farroupilha, negros, traição



8 Comentários »

### Como viviam os negros farrapos no Rio de Janeiro

Postado por Juremir em 20 de setembro de 2014 - Uncategorized

Um documento do Arquivo Nacional (IJ6 471), publicado em primeira mão no meu livro História Regional da Infâmia (L&PM), esclarece definitivamente o destino dos negros farrapos enviados ao Rio de Janeiro:



“Instruções para a Comissão encarregada de avaliar os indivíduos que, havendo sido escravos, se acham livres, em consequência dos acontecimentos da Província de São Pedro. A Comissão encarregada de avaliar os indivíduos que, havendo sido escravos, se acham livres, em consequência dos acontecimentos da Província de São Pedro, a fim de serem indenizados seus senhores, observará o seguinte regulamento.

#### Artigo 1

Reunir-se duas vezes por semana, às tardes, em uma sala do Arsenal de Guerra da Corte.

#### Artigo 2

Requisitará, por ofícios dirigidos por intermédio do Presidente, ao Comandante das Armas, e ao Inspetor do Arsenal de Marinha da Corte a remessa do número de indivíduos que deverem ser avaliados em cada sessão.

#### Artigo 3

Presentes estes, será cada um interrogado a respeito de seu nome, naturalidade, estado, profissão anterior à de soldado, nome de seu antigo senhor, possuidor

ou usufrutuário e quaisquer outras circunstâncias que sirvam para fazê-lo conhecido.

#### Artigo 4

Em seguida, será examinado pelo Comissário Cirurgião-Mor, que deverá declarar qual o estado sanitário dos indivíduos e proceder-se-á a avaliação pelos seus avaliadores nomeados pelo Governo.

#### Artigo 5

Se, conforme o juízo da Comissão e dos avaliadores, achar-se o indivíduo na idade pouco mais ou pouco menos de 16 a 30 anos e não tiver defeito físico, ou algum grave defeito moral, ser-lhe-á dado o valor de 400.000 reis, arbitrando-se menos preço pelos que por alguma circunstância não se acharem nessa casa.

#### Artigo 6

No caso de não concordarem os dois (?) avaliadores no valor que se deve arbitrar, decidirá a Comissão, tomando o valor médio arbitrado pelos avaliadores.

#### Artigo 7

De tudo lavrar-se-ão os competentes termos, que serão remetidos à Secretaria de Estado, logo que finalize a avaliação.

#### Artigo 8

Para o bom desempenho deste serviço fica (?) Comissão autorizada a dirigir-se oficialmente a qualquer autoridade a quem pertencer ministrar quaisquer esclarecimentos que lhe sejam necessários.

#### Artigo 9

Terminada a avaliação e dispensados os dois avaliadores, procederá a Comissão a examinar as reclamações dos Senhores pela forma seguinte: recebidos os requerimentos das partes, serão numerados pela ordem de apresentação. Estes requerimentos deverão ser designados pela própria parte ou por seu procurador, e neste caso deverá vir junto a procuração (?) atentamente o direito de propriedade que assiste ao reclamante, as circunstâncias em que o escravo fugiu ou foi arrancado seu serviço, sua estada no serviço dos insurgidos, e sua atual existência na Corte por ordem do Governo.

#### Artigo 10

Caso o escravo tenha sucumbido estando já entregue ao Governo, deverá esta circunstância ser mencionada, e provada competentemente, e neste caso será a avaliação suprida (?) pela justificação judicial de identidade, e a Comissão na presença das provas, e pelo que colher dos documentos, arbitrar a indenização que nunca deverá exceder ao valor máximo de 400.000 réis.

#### Artigo 11

A prova da propriedade poderá ser a certidão da escritura da compra, doação, formal de partilhas ou de qualquer título por onde o reclamante tiver havido o escravo, e outrossim a justificação judicial dada perante o Juízo dos Feitos (?) da Fazenda, com audiência do procurador Fiscal.

## Artigo 12

Todas as demais circunstâncias se provarão com atestado de funcionários públicos que em razão de seus ofícios as possam atestar, e também por meio de justificação perante o Juízo dos Feitos (?), quer dadas na Corte, quer na Província de São Pedro, como mais conveniente for à parte reclamante.

## Artigo 13

Julgada qualquer reclamação, quer seja atendida, quer por carência de prova desatendida, oficiará a Comissão ao Governo, dando-lhe conta de tudo. No caso de indeferimento, poderá entregar à parte reclamante os seus documentos com certidão de todos os termos e deliberação da Comissão, passando-se recebido no verso do requerimento.

## Artigo 14

Concluído o exame de todas as reclamações, remeterá a Comissão ao Governo um relatório minucioso de tudo quanto houver feito, acompanhado de todos os papéis, e documentos que justifiquem suas deliberações, o que feito, ficarão concluídos os seus trabalhos, e não se reunirá mais sem nova ordem do Governo.

## Artigo 15

A Comissão fará publicar imediatamente nos Diários da Corte e nas Folhas Públicas do Rio Grande do Sul um anúncio, declarando o dia, hora e lugar de sua reunião, convidando a todos os que se julgarem com direito à indenização a comparecerem por si ou por seus procuradores, e especificando as justificações e provas com que deverão instruir seus requerimentos. Paço (?), em 24 de maio de 1848. Manoel Felisardo de Souza e Mello”.

Era, obviamente, uma comissão de indenização. O importante era preservar o direito de propriedade. O termo “livre” aparecia como uma forma esdrúxula para designar uma situação anômala. Cada proprietário receberia, no máximo, 400 mil réis por um negro. O essencial, porém, estava no Artigo 2: “Requisitará, por ofícios dirigidos por intermédio do Presidente, ao Comandante das Armas, e ao Inspetor do Arsenal de Marinha da Corte a remessa do número de indivíduos que deverem ser avaliados em cada sessão”. Eis o destino dos negros levados do Rio Grande do Sul. Estavam, desde 1845, no Arsenal da Marinha ou a serviço dos quartéis cariocas.

A historiadora Daniella Valandro de Carvalho, num artigo de 2010 intitulado “A gauchice em questão: o 20 de Setembro ao rés-do-chão”, conta que localizou no Arquivo Nacional um documento com uma informação importante sobre os escravos enviados do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro: “Salvador Braga ficou por cerca de dois anos circulando por várias instituições do Império, entre fortalezas, depósitos e hospitais, sem ocupação certa, até fazerem deste ex-soldado negro, um servente de obras. E que Salvador, entre africanos livres e libertos presentes nestas instituições, os incitou, debateu com seus iguais suas situações, e insatisfeito com a vida que levavam, escreveu um abaixo-assinado (em abril de 1847) ao imperador, reivindicando um rumo para suas existências”. Salvador fora um dos lanceiros negros.

Adriana Barreto de Souza relata, citando informações de Thomas Holloway, um elemento que dá sentido ao todo: “Desde 7 de abril de 1831, tornou-se ilegal traficar escravos. Ainda que o tráfico permanecesse ativo, nas poucas vezes em que se resolveu cumprir a lei, a atitude criou um impasse: o que fazer com esses negros não aculturados? Como não podiam ser vendidos nem soltos para viver por conta própria, já que nem mesmo falavam o português, passaram a viver sob a tutela do Estado. Eram empregados em repartições públicas ou por particulares que, no caso, deveriam pagar um aluguel por seus serviços. Eles eram a principal mão de obra utilizada no quartel da guarda policial de permanentes. São várias as solicitações de africanos feitas pelo tenente-coronel Lima ao ministro da Justiça. Com isso, protegia seus guardas do vexame de prestar ‘serviços indignos’. Alguns deles, depois de conhecer os africanos, aproveitavam para contratá-los particularmente” (Souza, 2008, p. 237-8).

Entre os “serviços indignos” do setor de Obras Públicas estava “esvaziar urinóis nas valas ao redor da fonte da carioca”. Caxias havia desenvolvido o método como comandante da polícia militar no Rio de Janeiro conturbado dos anos 1830. Sabia perfeitamente que destino dar aos “negros livres” dos pacificados farrapos. Merda na corte era o que não faltava. Nem guerras no Prata. Outra indicação do destino dos escravos farrapos, entre outros negros, aparece num “Relatório do Ministério da Marinha de 1845”, citado por Robert Conrad em seu magnífico “Os últimos anos da escravidão no Brasil: “Cento e setenta ‘escravos da nação’ foram empregados em 1845 no Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro”. Que incrível coincidência. Mesmo os africanos realmente libertos não tinham, segundo o ministro britânico no Rio de Janeiro, James Hudson, também citado por Conrad, “a menor possibilidade de uma autêntica liberdade”.

Tags: negros, Revolução Farroupilha



4 Comentários »

## **O DESTINO DOS LANCEIROS NEGROS APÓS A GUERRA DOS FARRAPOS**

Postado por Juremir em 20 de setembro de 2014 - Uncategorized

JÔNATAS MARQUES CARATTI\*

Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos? Baita polêmica. Depende do ponto de vista de quem interpreta. Depende também das motivações de cada um, afinal, ninguém pode ser neutro, pois todos nós escrevemos de algum lugar. Quem escreve Revolução Farroupilha possivelmente persegue o mito fundador. Busca a superioridade regional. Os gaúchos não admitem ficar para trás em nada. Precisam ser os primeiros no Desenvolvimento, na Saúde e na Educação. Afinal, “nascemos com a revolução, somos agarridos e bravos”, dizem. Para quem se preocupa com a identidade gaúcha o termo Revolução Farroupilha parece ser o mais indicado. Agora, tem gente que não está muito de acordo com este termo. Acham uma falácia. Sal grosso como patrimônio imaterial dos

gaúchos? Era só o que faltava! Não, o que ocorreu entre os anos de 1835 e 1845 não foi uma revolução. Nem todos participaram. As estruturas econômica e política do Rio Grande não mudaram após o dito evento. Foi, sim, uma guerra. Milhares lutaram e morreram entre os dez anos de confronto. Quem escreve Guerra dos Farrapos quer, quem sabe, evidenciar mais um fato de nossa história. E nada mais.

Os historiadores têm dado diversos significados a este acontecimento. E estes diversos significados são reflexos de suas visões de mundo. Para o Movimento Tradicionalista Gaúcho é importante destacar a Revolução Farroupilha como o maior evento já ocorrido em nossos pagos. Foi a luta entre nós e eles. E para quem interessa o desfecho desta guerra? “O importante é que lutamos e demos exemplo a toda terra”, afirmam. Porém, para os historiadores – preocupados com o horizonte da verdade – a dita Revolução precisa ser vista com certo distanciamento e maior complexidade. Precisamos olhar as fontes, analisá-las, e ver o que elas nos dizem. Diversos historiadores têm se preocupado em verificar os fatos à luz de novas fontes e abordagens. Um dos temas mais polêmicos é a participação dos Lanceiros Negros na Guerra dos Farrapos e, concomitantemente, a Traição de Porongos. E o que os historiadores têm escrito sobre isso?

Não foi somente na província do Rio Grande do Sul que homens escravizados foram libertados para servirem à guerra. No Uruguai, em 1842, Fructuoso Rivera também aboliu a escravidão para engrossar suas fileiras de combate. Num momento crucial, Bento Gonçalves agiu igualmente e prometeu libertar os cativos que defendessem os interesses da província. Logo no início da guerra índios, negros e mulatos já estavam armados de lanças. Em 1836 surgiu o Primeiro Corpo de Cavalaria de Lanceiros Negros comendo mais de 400 libertos. Segundo as memórias de Garibaldi, “eles eram os melhores e mais fiéis [...] eram excelentes e ansiavam o combate”. Mas qual o destino destes lanceiros negros? Como viveram após a guerra?

Esta é a importante contribuição da historiadora Daniela Vallandro de Carvalho que se preocupou, como ninguém, em investigar a vida dos negros libertos que serviram como soldados na Guerra dos Farrapos. Que alguns daqueles que lutaram na Guerra foram alforriados não temos dúvida. É só verificar o Tratado de Paz de Poncho Verde. Porém, o interesse de Daniela foi de refletir sobre o tipo de liberdade que os mesmos obtiveram.

Em suas pesquisas, Daniela localizou muitos dos lanceiros negros como serventes no Hospital Militar ou no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Lá o trabalho era, segundo a historiadora, “pesado, cansativo e ininterrupto”. Ninguém queria trabalhar no Hospital Militar, principalmente pelos baixíssimos salários e por não terem folgas nos domingos e dias santos. A espera para uma vida em liberdade era longa. Em muitos casos somente após quatro anos os libertos podiam livrar-se da tutela do Estado. Ao que parece a liberdade dos lanceiros negros era precária. Além de servirem como cativos aos seus senhores antes do conflito, arriscarem-se seus corpos numa luta que não era propriamente sua, ainda desenvolviam tarefas tão duras que nem escravos de aluguel queriam fazê-lo.

É neste momento que a historiadora Daniela Vallandro de Carvalho pontua a precariedade da liberdade destes sujeitos. Além dos muitos lanceiros negros que morreram na conhecida Batalha (Massacre?) de Porongos, os que sobraram passaram por uma dura jornada em busca de sua liberdade. O destino dos lanceiros negros foi nefasto. Nem de perto obtiveram a liberdade que almejavam. E o pior. Durante muito tempo suas histórias estiveram encarceradas. Somente nos últimos anos a história dos Lanceiros Negros tem sido contada. Neste Vinte de Setembro temos a oportunidade de refletir, mais uma vez, sobre a exclusão e a invisibilidade da população negra em nossa história.

\*Professor e historiador

Tags: negros, Revolução Farroupilha



6 Comentários »

### **O destino de um negro durante a revolução farroupilha**

Postado por Juremir em 20 de setembro de 2014 - Uncategorized

As danadas e perniciosas máximas espalhadas com a detestável revolução!

Paulo Staudt Moreira

Historiador, professor da Unisinos

\*

Entre setembro de 1835 e junho de 1836, Porto Alegre ficou sob o controle dos revolucionários farroupilhas, vivendo seus moradores tempos inquietos. A guerra civil que se espalhou pela província sulina, devastando-a economicamente, alimentou expectativas díspares nos setores sociais e étnicos. Expectativas geradas a partir de (re)interpretações dos discursos e das práticas das lideranças farroupilhas e legalistas, impactaram vivências e projetos individuais e familiares.

Em abril de 1837 foi preso o mulato Maurício Antônio Alves, enviado da cidade próxima de Triunfo. Ele era escravo de Antonio Pedro Frazão de Lima e um dos: “piores que se tem prendido das Comissões de Palmatória e Chicote; seu senhor, homem também de mui pouca confiança, e morador em Porto Alegre, há pouco lhe deu sua Liberdade, talvez em remuneração de seus crimes”.

Frazão de Lima informou que recebeu o pardo claro Maurício como herança de sua sogra: “o qual criou desde pequeno e educou com mimo a ponto de matriculá-lo em um Colégio no Rio de Janeiro, na idade de 12 anos, em 1830, com o fim de felicitá-lo, e donde voltara em 1832 sem nada aproveitar, pela sua reconhecida inabilidade física e apoucamento de juízo (fazendo, contudo, despesa ao Suplicante de mais de 600\$000 réis), o mandou então ensinar a Colchoeiro e a Alfaiate, em cujo Ofício trabalha como oficial desde 1835”.

O apoucamento de juízo de Maurício encontrou condições objetivas de transformar-se em insubmissão quando da guerra civil. Segundo Frazão de Lima, justamente no ano da Revolução de 20 de Setembro, Maurício promovia

uma subscrição para alforriar-se. As coisas começaram a se alterar perigosamente quando Maurício foi auxiliado por um tal velho Cascais: “Este couto e apoio, dado pelo tal velho, a companhia de outros mulatos também do seu Ofício, à mistura com as danadas e perniciosas máximas espalhadas com a detestável revolução, penetraram não só em muitos brancos, mas na classe mista, de forros e escravos, que desde logo se julgavam libertos! É nesta conjunção que, ficando o mulato fora de casa [...] em a noite do dia 19 ou 20 de Novembro de 1835, tempo em que já começavam os massacres, foi induzido e embriagado por outros mulatos, e entre eles envolvido e preso pelo insulto feito a um moço branco na rua da Praia, donde lhe resultou ir para a Cadeia e ser na Madrugada seguinte açoitado [...] em cujo ato caiu sem sentidos, como morto, o referido mulato!”.

No único depoimento que prestou, ao Juiz de Paz e Padre Francisco de Paula Macedo, o pardo Maurício declarou ser de Porto Alegre, ter 20 anos, solteiro. Candidamente respondeu que ignorava o motivo de sua prisão. Maurício viveu sete meses encarcerado, sem culpa formada, uma licenciabilidade jurídica legitimada pela inquietude bélica reinante. Indagado pelo Juiz-padre Macedo se “tinha andado com outros por esta Cidade, no tempo do Governo intruso, dando bolos e chicotadas em algumas pessoas”, Maurício negou e disse que, mesmo inocente, fora preso “por uns homens em uma noite, e recolhido á prisão e ai no outro dia foi açoitado”.

As vicissitudes biográficas do pardo claro ou mulato Maurício, nos permitem algumas reflexões. Durante a tomada da capital da província pelos anarquistas farrapos, foram formadas, como vimos, Comissões de Palmatória e Chicote (ou vergalho), que disseminaram o terror executando punições públicas àqueles que não compactuavam com o protesto contra o governo imperial.

Claro que numa sociedade profundamente alicerçada na posse escrava, com uma população cativa considerável, estas farras possuíam um potencial elevado de desregramento ou inversão da ordem. Procurando inocentar o seu escravo, Frazão de Lima destacou o seu apoucamento de juízo e o fato de ser “embriagado por outros mulatos”. Destaque-se que aquele motim não parece ter sido uma reação espasmódica daqueles mulatos, mas uma ação consciente com motivações e direcionamentos claros, já que o principal atingido foi um moço branco, na rua da Praia.

Fruindo com as palavras, lembremos que embriagado comporta definições variadas. Fica-se bêbado com a ingestão de bebidas alcoólicas, mas também nos embriagamos de paixão – “O amor, ira, ódio, aversão ou qualquer apetite e afeto imoderado e violento”. O pardo claro Maurício talvez já viesse apaixonado da Corte, onde compartilhou experiências com uma vasta comunidade negra (escrava, liberta e livre), habitante do maior porto escravista atlântico daquela época. Estas comissões podem ser percebidas como um ritual político, mesmo que em pequena escala, onde momentaneamente estes mulatos abandonavam o papel secundário que lhes era atribuído neste jogo bélico das elites. Elas representavam o risco permanente daquela guerra civil metamorfosear-se em revolução.

## Referências bibliográficas

CARVALHO, D. V. de. 2013. Nas fronteiras da Liberdade: experiências negras de recrutamento, guerra e escravidão (Brasil Meridional – 1830-1850). Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 367 p..

CARVALHO, D. V. de; OLIVEIRA, V. P. de. 2008. Os Lanceiros Francisco Cabinda, João Aleijado e preto Antonio e outros personagens negros na guerra dos Farrapos. In: Silva, Gilberto Ferreira da; Santos, José Antonio dos; Carneiro, Luiz Carneiro da Cunha. (Org.). RS Negro: Cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 63-82.

FRANCO, S. da C. 2000. Porto Alegre cidade sitiada (1836-1840). Um capítulo da Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Sulina, 126 p.

SILVA, Juremir Machado da Silva. 2010. História Regional da Infâmia. O destino dos negros farrapos e outras iniqüidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre/RS: LP&M.

## 10. Doze coisas que só quem é gaúcho vai entender

<http://vejabrasil.abril.com.br/porto-alegre/materia/curiosidades-gastronomia-porto-alegre-gaúcho-serra-4745>



14.mai.2015 18:26:28 | **por Veja Cidades**

Qual a diferença entre um pão cervejinha e um cacetinho? Sabe identificar o que é um xis e o que é um xixo? Como qualquer estado, o Rio Grande do Sul tem lá suas peculiaridades – e que vão muito além do chimarrão e do churrasco. Por isso, listamos abaixo doze coisas que só quem é gaúcho vai entender:

### 1. Xis





*(Foto: Ligia Skowronski)*

O que era cheeseburger virou xis, que virou esse lanche típico do sul. A versão mais popular traz coração ou filé-mignon entre duas fatias de pão de hambúrguer maior que o convencional. Este da foto, encontrado no [Cavanhas](#), leva escalopes de filé-mignon, cebola, azeitona, pimentão, queijo, salada e maionese.

## **2. Xixo**



(Foto: Divulgação/[Barranco](#))

Esqueça o tradicional espetinho: aqui ele não tem nada de diminutivo. Alcatra, bacon, filé-mignon, lombo, salsichão e até mesmo legumes e cebola são cortados em cubos e entremeados no espeto do clássico xixo, que é grelhado sobre o fogo.

[+ A rota do vinho na Serra Gaúcha: um passeio especial pelas principais vinícolas da região](#)

[+ VEJA Comer & Beber 2015/2016: conheça os campeões em 25 categorias, entre restaurantes, bares e pontos de venda de comidinhas](#)

### **3. Cuca**



*(Foto: Ligia Skowronski)*

Provavelmente quem cresceu em família alemã conhece bem este doce. A cuca consiste em uma massa coberta por farofa crocante, feita basicamente de farinha, manteiga e açúcar. Pode levar ainda diversos recheios e coberturas, como uva, abacaxi com leite condensado e até mesmo uma versão romeu e julieta.

#### **4. À lá minuta**



*(Foto: Ligia Skowronski)*

É o clássico prato feito dos pampas, um hit dos restaurantes na hora do almoço. Tem basicamente bife de carne ou de frango, arroz, ovo, batata frita e salada.

## **5. Negrinho**



*(Foto: Romero Cruz)*

Negrinho. É assim que chamam o brasileiríssimo brigadeiro nos pampas. A versão branca do doce é conhecida por... branquinho, oras!

## **6. Pão cacetinho**



*(Foto: Divulgação/Cris Berger)*

De sal, média, careca... Assim como em outros lugares, no Rio Grande do Sul o pãozinho francês leva esse nome diferente (e um tanto curioso).

## **7. Pão cervejinha**



*(Foto: Mario Rodrigues)*

Tem esse nome por levar a bebida entre seus ingredientes, o que resulta em uma massa mais leve. Muito gaúcho também fala "pão bundinha", por causa do formato em duas bandas.

## **8. Sagu com creme**



*(Foto: Divulgação/Pedro Rubens)*

Seja em Porto Alegre ou na Serra Gaúcha, qualquer restaurante que se preze tem sagu com creme entre as sugestões de sobremesa. Trata-se da clássica receita de sagu ao vinho acrescida de creme de baunilha. Uma delícia!

[+ Testamos e aprovamos: dicas de pratos e bebidas que passaram pelo crivo da redação](#)

[+ Voto do leitor: confira os campeões eleitos pela público na edição especial de VEJA Comer & Beber 2015/2016](#)

## **9. Schmier**





*(Foto: Ligia Skowronski)*

Gaúcho que é gaúcho não passa geleia no pão, e sim schimier (ou chimia, na versão aportuguesada). Pode parecer a mesma coisa, só que este é mais consistente, geralmente preparado com o suco da fruta junto do bagaço e da casca.

## **10. Torta de sorvete**



*(Foto: Divulgação/Torta de sorvete)*

Essa maravilha aí da foto foi inventada nos anos 80 por uma [loja](#) de mesmo nome em Porto Alegre e até hoje é reproduzida pelos quatro cantos da cidade. A versão mais comum é feita com sorvete de baunilha e coberta por merengues envoltos em chocolate.

## **11. Bauru**



(Foto: Divulgação/[Trianon](#))

O nome é familiar, certo? Mas diferentemente do bauru paulista, feito de presunto, queijo e tomate no pão francês, este traz contrafilé ou peito de frango, queijo, alface e tomate - tudo dentro do pão cervejinha (ver item 7).

## 12. Mu-mu



*(Foto: Divulgação/Alfredo Franco)*

Eis um caso de marca que virou sinônimo de produto. No caso, de doce de leite de colher.